



**PRINCÍPIOS BÁSICOS
DO ESPIRITISMO**

Rogério Coelho

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

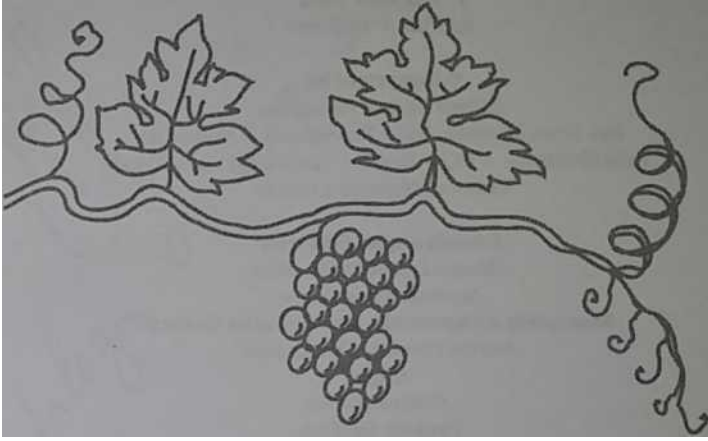
Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Princípios Básicos do ESPIRITISMO



Dedico este livro à minha inesquecível e estimada amiga Elisabeth Montenari (já desencarnada), que, em nossa última conversa, estimulou-me a retirá-lo da gaveta, onde estava há mais de dez anos, e à querida irmã de ideal espírita, Juselma Maria Coelho, que o trouxe a lume, com a maior boa vontade.

Rogério Coelho

Primeira Parte

Prefácio

A petición de mi querido amigo y hermano Rogério Coelho, hago éste prefacio con mucho carino y respeto hacia una persona que está tan dedicada a la difusión espírita, como él.

Este libro está confeccionado muy laboriosamente; escogiendo acertadamente las citas, no sólo dei Evangelio, sino de otros autores conocidos de todos los espíritas y de demostrada valia.

Los temas tocados en *Princípios Básicos dei Espiritismo*, siguen siendo dentro de la Doctrina, y en el tiempo en que vivimos, plenamente actuales, debido a la gran necesidad que todos tenemos de entender los “*princípios básicos*” de nuestra Doctrina, para seguir avanzando en otros derroteros; siempre dentro dei camino espírita, y sin olvidar las palabras dei Maestro:

“Conoceréis la Verdad y la verdad os hará libres”.

Agradezco la honra de poder prefaciarse este libro sencillo en su exposición, mas profundo en su contenido moral.

Dios te siga iluminando Rogério.

Isabel P. Gonzalez Malaga – Espana

Exórdio

Há dois mil anos, Jesus fez uma promessa:

“E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.”

Esse registro encontra-se no Evangelho escrito por João, no capítulo catorze, versículo dezesseis.

Essa promessa materializou-se na Terra a partir de meados do século atrasado, com Allan Kardec, ao vir a lume a primeira edição de *“O Livro dos Espíritos”*.

Não falece dúvida de que o *Espiritismo* é o *Consolador Prometido* por Jesus. Tão somente a novel Doutrina dos Espíritos coincide em todos os pontos com o perfil do paráclito desenhado pelo Meigo Zagal Celeste.

Esse *“outro Consolador”* tem por missão ensinar todas as coisas, colocando a criatura humana em condição de assumir a sua identidade cósmica, elevando-se, destarte, acima dos níveis da Humanidade, no rumo da perfeição relativa e da felicidade sem mescla, que lhe cabe atingir.

Estará conosco para sempre, porque, sendo uma doutrina, constituirá patrimônio inalienável de quantos a assimilarem, integrando-se ao imperecível acervo intelectual.

O Espiritismo é constituído por cinco pontos básicos:

- 1 — Deus;
- 2 — Imortalidade da Alma;
- 3 — Pluralidade dos Mundos Habitados;
- 4 — Pluralidade das Existências;
- 5 — Comunicabilidade dos Espíritos.

Nosso escopo, ao escrever este pequeno livro, não foi trazer nenhuma novidade aos estudiosos da Doutrina Espírita

Tão somente, extratamos das Obras Básicas e das subsidiárias confiáveis alguns pontos que consideramos de grande importância para nossas lucubrações, envidando todos os esforços para não lhes ofuscar a beleza com o descolorido de nosso apoucamento intelectual.

Se o conteúdo desta obra contribuir - embora em parcela mínima p como *“gatilho”* propulsor do progresso de apenas uma criatura, descerrando-lhe à compreensão os painéis do Infinito, já estaremos justificadamente felizes, por reduzir ainda que infimamente nossa superlativa inutilidade, agradecendo ao Senhor da Vida a extremada honra de permitir-nos colocar no lodaçal terrestre um pequeno rochedo para dar firmeza aos passos dos viajores da Eternidade...

Rogério Coelho

1 De Deus

Que é Deus?

“Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.”

(O Livro dos Espíritos. Questão 1.)

“Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para tomá-LO conhecido não só dos hebreus, como também dos povos pagãos.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo. Capítulo I, item 9.)

Deus é Amor

“Os grandes sentimentos nunca povoam a alma de uma só vez, em sua beleza integral. A criatura envenenada no mal é qual recipiente de vinagre, que precisa ser esvaziado pouco a pouco.”

Emmanuel

O que teria levado João, o Evangelista (1 Jo., 4:8) a proferir com tanta convicção: *“Deus é Amor”*?...

Naturalmente, recebendo diretamente de Jesus os ensinamentos sublimes, inúmeras vezes deve tê-LO visto referindo-SE ao Pai com desvelado carinho, respeito e unção, vazados em inenarrável amor. Além disso, as informações que Ele deu sobre a Vida Futura devem ter tido, também, a sua parcela de influência.

Deus e Jesus são pacientes... Conhecem-nos! Sabem quão devagar assimilamos as Verdades Eternas e quão tardios somos em aplicá-las de forma prática em nossa Vida.

Eles nos amaram primeiro. Devemos-Lhes a recíproca...

Lázaro afirmou que a Reencarnação é a segunda palavra do Divino Alfabeto. A primeira é O Amor.

A solicitude de Deus para com as Suas criaturas é ilimitada.

Apenas começados a sair do tremedal da ignorância, ainda não podemos avaliar a superlatividade do Amor de Deus por nós. Nossa fé ainda é vacilante... Estatuindo Leis Eternas, Imutáveis e Irrevogáveis, o bem é tudo aquilo que está de conformidade com elas e o mal tudo que lhes é contrário. Agindo no bem, estamos harmonizados com as Leis Divinas. Agindo no mal, colidimos de frente com os Divinos Estatutos e a devida correção não se faz esperar.

Os Espíritos, originariamente *simples e ignorante*¹, tendem para a perfeição, embora a longa trajetória entre os dois extremos esteja inçada de percalços e os equívocos não são menos abundantes.

¹* Kardec, A. “O Livro dos Espíritos”. Questão 115

A reencarnação é uma das maiores e mais palpáveis prova do Amor de Deus por Suas criaturas. Embora pareça - às vezes - cárcere disciplinar, significa, também escola de iluminação, onde os recursos e valores propiciatórios da alforria espiritual são adquiridos.

Através da reencarnação, os atavismos perniciosos que neutralizam o progresso vão sendo paulatinamente erradicados e a taça vinagrosa constituída por nossas ancestrais defecções, esvazia-se pouco a pouco...

O processo de depuração vai-se sedimentando pelas filtragens nos tamises palingenésicos, ensejando a substituição do egoísmo e do orgulho pelo vero amor, batendo em retirada a ignorância quando as luzes do "Mais Alto" povoam a Alma.

"Deus é Amor" porque nos criou e nos destinou à perfeição relativa e à felicidade sem mescla; e por todos os meios que nos faculta para chegarmos até Ele, "Deus é Amor"!...

Jesus, que há milênios sem conta, está a par da solicitude do Pai Celestial para com todas as Suas criaturas, promulgou - cheio de razão - a Lei Maior:

"Amar a Deus sobre todas as coisas."

Quando essa Lei for praticada por toda a Humanidade, nossa alma estará repleta dos grandes sentimentos em sua beleza integral e o nosso coração será transformado em ajaezada ânfora sublime, a verter a Luz Divina, em plena integração com as Potestades Maiores, em regime de felicidade e trabalho com Jesus, que é "um com o Pai".

Deus e o Infinito

"A carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus. |

Paulo O Cor., 15:50)

Corroborando a assertiva Paulina, Allan Kardec obtém dos Benfeitores da Humanidade² interessantes apontamentos que, em última análise, são ao mesmo tempo esclarecimentos-conselhos para os estudiosos das questões metafísicas, que são orientados quanto ao foco de real interesse para a evolução, impedindo que os mesmos se percam nos meandros e labirintos do insondável e da extemporaneidade...

Quando não mais tiver o espírito obscurecido pela matéria; quando, pela sua perfeição, se houver aproximado de Deus, será dado ao homem compreender o mistério da Divindade.

Embora não possamos compreender a natureza íntima de Deus, podemos formar idéia de algumas de Suas perfeições. Compreendemo-las melhor à proporção que nos elevamos acima da matéria, entrevendo-as pelo pensamento. Não sabemos tudo o que Ele é, mas sabemos o que Ele não pode deixar de ser.

Ele é Eterno, Infinito, Imutável, Imaterial, Único, Onipresente, Onisciente, soberanamente Justo e Bom. Aí está o eixo de todo e qualquer raciocínio. Sem esse eixo, jamais conheceremos a Verdade.

²• Kardec, A. "O Livro dos Espíritos". Questões 10 a 16.

Os equívocos dos pensadores começam a partir do instante em que desconsideram os atributos de Deus.

A crença na unicidade da existência, por exemplo, é um equívoco de todo aquele que não se utiliza de tal eixo por parâmetro de seu raciocínio. Como conciliar a Bondade e Justiça de Deus com a unicidade da existência? Como considerá-Lo Justo e Bom ante toda sorte de desníveis sociais, econômicos, de saúde, etc.? Onde fica Sua Onisciência se, ao criar um Espírito, Ele já sabe que seu destino será o inferno das penas eternas? Logo, se Ele sabe, ao criar um Espírito que este estará irremissivelmente condenado, onde fica Sua bondade?

Continuaremos a nos equivocar todas as vezes que não balizarmos nossos raciocínios nos atributos divinos, e também quando pretendermos antecipar conhecimentos que só em outros níveis mais elevados nos poderão ser revelados.

Por isso mesmo, aconselham os Numes Tutelares:

“(…) Não vos percais num labirinto donde não lograreis sair. Tendes bastantes coisas que vos tocam mais de perto, a começar por vós mesmos. Estudai as vossas próprias imperfeições, a fim de vos libertardes delas, o que será mais útil do que pretenderdes penetrar no que é impenetrável”, de vez que as questões pertinentes ao nosso futuro remoto só serão equacionadas nas regiões do Infinito quando, livres do corpo somático, finalmente, herdarmos o Reino de Deus.

A Existência de Deus

“E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o Reino de Deus, nem a corrupção herda a incorrupção.”

Paulo (I Cor., 15:50)

Em sua habitual lucidez, Allan Kardec, no livro “A Gênese”, capítulo II, alinha inúmeras ponderações que nos levam a expandir o horizonte da compreensão a respeito da Divina existência. Afirma que nenhum homem pode ver a Deus com os olhos da carne, ratificando o asserto Paulino epigrafado.

“Santa Maria, meie de Deus!” – Como é tristemente errada e infeliz essa expressão!...

Pois o Soberano do Universo não é Incriado?

Que é que não foi elaborado por Ele? Se o Onipotente tivesse mãe, não seria esta a criadora do Cosmos?

A religião que não mitiga a curiosidade e que não satisfaz a razão que exige esclarecimentos dos problemas transcendentais, dificilmente poderá ser professada pelas pessoas não-escravizadas mentalmente.

Deus não Se mostra, mas Se revela pelas Suas obras...

Com a palavra o insuperável Mestre Lionês, na obra mencionada:

“A existência de Deus é uma realidade comprovada não só pela revelação, como pela evidência material dos fatos.

Os povos selvagens nenhuma revelação tiveram; entretanto, crêem instintivamente na

existência de um poder sobre-humano. Eles vêem coisas que estão acima das possibilidades do homem e deduzem que essas coisas provêm de um Ente Superior à Humanidade. Não demonstram raciocinar com mais lógica do que os que pretendem que tais coisas se fizeram a si mesmas?

(...) Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-LO, ainda nos falta o sentido próprio, que só se adquire por meio da completa depuração do Espírito. Mas, se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite como premissa a Sua existência, pode, pelo raciocínio, chegar a conhecer-Lhe os atributos necessários, porquanto, vendo o que Ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz, daí, o que Ele deve ser.

Sem o conhecimento dos atributos de Deus, impossível seria compreender-se a obra da Criação. Esse o ponto de partida de todas as crenças religiosas; e é por não se terem reportado a isso, como o farol capaz de as orientar, que a maioria das religiões errou em seus dogmas. As que não atribuem a Deus a Onipotência, imaginam muitos deuses; as que não Lhe atribuíram soberana bondade fizeram D'Ele um Deus cioso, colérico, parcial e vingativo.

(...) Orientando-se pela luz que dimana dos atributos divinos, o homem jamais se transviará. Se, portanto, o homem tem errado tantas vezes, é unicamente por não ter seguido o roteiro que Lhe estava indicado.

Tal também o critério infalível de todas as doutrinas filosóficas e religiosas. Para apreciá-las, dispõe o homem de uma medida rigorosamente exata nos atributos de Deus e pode afirmar a si mesmo que toda teoria, todo princípio, todo dogma, toda crença, toda prática que estiver em contradição com um só que seja desses atributos, que tenda não tanto a anulá-LO, mas simplesmente a diminuí-LO, não pode estar com a verdade.

(...) No estado de inferioridade em que ainda se encontram, só muito dificilmente podem os homens compreender que Deus seja infinito. Vendo-se limitados e circunscritos, eles O imaginam também circunscrito e limitado. Imaginando-O circunscrito, figuram-nO quais eles são, à imagem e semelhança deles. Os quadros em que O vemos com traços humanos não contribuem pouco para entreter esse erro no espírito das massas, que nele adoram mais a forma que o pensamento. Para a maioria, é Ele um soberano poderoso, sentado num trono inacessível e perdido na imensidade dos céus. Tendo restritas suas faculdades e percepções, não compreendem que Deus possa e Se digne intervir diretamente nas pequeninas coisas.

(...) Longe de nós a idéia de materializar a Divindade. A imagem de um fluido inteligente universal, evidentemente, não passa de uma comparação apropriada a dar de Deus uma idéia mais exata do que os quadros que O apresentam debaixo de uma figura humana. Destina-se ela a fazer compreensível a possibilidade que tem Deus de estar em toda parte e de se ocupar com todas as coisas.

...Destarte, estamos todos mergulhados no fluido divino.

...Estamos Nele, como Ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Pelos efeitos, podemos remontar à causa.

(...) Compreendemos o efeito: já é muito. Do efeito remontamos à causa e julgamos da sua grandeza pela do efeito. Escapa-nos, porém, a Sua essência íntima, como a da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los e, entretanto, ignoramos a natureza íntima que os produz. Será, então, racional que neguemos o Princípio Divino, porque não o compreendemos?

(...) Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não podemos duvidar. É infinitamente justo e Bom: essa a Sua essência. A tudo se estende a Sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode Ele querer, donde se segue que devemos confiar Nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de O compreender.

(...) Sob que aparência se apresenta Deus aos que se tornaram dignos de vê-Lo? Será sob uma forma qualquer? Sob uma figura humana, ou como um foco de resplendente luz? A linguagem humana é impotente para dizê-lo, porque não existe para nós nenhum referencial capaz de nos facultar uma idéia de tal coisa.

Somos quais cegos de nascença a quem procurassem inutilmente fazer com que compreendessem o brilho do Sol. A nossa linguagem é limitada pelas nossas necessidades e pelo círculo das nossas idéias; a dos selvagens não poderia descrever as maravilhas da civilização; a dos povos mais civilizados é extremamente pobre para descrever os esplendores dos céus, a nossa inteligência muito restrita para os compreender e a nossa vista, por muito fraca, ficaria deslumbrada. ”

Preocupando-nos antes de qualquer coisa com o esclarecimento da magna questão da existência de Deus, a fim de fazer com que a Humanidade O conheça, Allan Kardec abre os questionamentos aos Maiores da Espiritualidade com a célebre questão, não sem antes isolar a idéia antropomórfica da Divindade:

“Que é Deus?”

E, num portento de síntese, eis a resposta:

“Dieu est l'intelligence suprême, cause première de toutes choses. ”

Da Confiança em Deus

“A confiança em Deus não deverá ser um adorno para quando tudo esteja bem, dentro dos padrões humanos. ”

Thereza de Brito³

O paradoxo tem sido a tônica do comportamento humano!...

É bem verdade que — hodiernamente — são raras as pessoas que não acreditam na existência de Deus. Mesmo essas, não ficam lá tão fanfarronas quando chega a hora de demandar o “Estige” na Barca de Caronte!...

³* Thereza de Brito/Teixeira, J.Raul. “Vereda Familiar”.

Mas não são raras aquelas que dizem acreditar em Deus e se deixam envascar nas trevas malhas do desespero, da rebeldia e da tristeza frente aos testemunhos de dor a que são chamadas pela Lei de Causa e Efeito. Rebolcam-se em lamentações indêbitas, tangenciando as raias da blasfêmia, esquecidas de que ninguém está órfão da misericórdia divina.

Sua crença em Deus restringe-se tão somente aos momentos bonançosos, caindo em lamentosos estados d'alma ao menor estremecimento do chão sob os pés claudicantes.

Tal comportamento, por questão de coerência doutrinária, jamais poderá ser o do Espírita sincero, que manterá, mesmo sob o guante da mais terrível procela, a fé e a confiança em Deus, nunca perdendo de vista Sua Bondade e Misericórdia Infinitas. O Espírita-Cristão encontrar-se-á, destarte, devidamente preparado para os embates dos testemunhos emancipadores.

Muito mais que as palavras, os exemplos de Jesus falaram mais alto. Sejamos, pois, coerentes com a fé-raciocinada que o Espiritismo faculta; mantendo acesa a chama da coragem e da confiança no Pai Celestial em todas e quaisquer situações afligentes.

A confiança em Deus, no entendimento de Thereza de Brito — a luminosa estrela de Pirassununga —, *“será a luz a fulgir em todos os momentos da Vida dos seres, conferindo-lhes euforia íntima para a superação de todos os problemas da saúde nossa ou dos nossos, emancipando-nos para sempre, valendo-nos das pelejas doloridas de agora*

Deus não quer ser temido, mas amado

“Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. ”

Jesus (Mt., 22:37 e 38)

“Ele é temente a Deus” é a infeliz expressão que, não raras vezes ouvimos. Constitui-se tal pensamento, puro atavismo alimentado (ainda) pelas informações de Moisés, o grande legislador do povo hebreu. Conclui-se que a pessoa que assim pensa, é mais judia que cristã, pois ainda está vinculada aos conceitos em voga há aproximadamente 4.000 anos atrás.

“Fora possível amar o Deus de Moisés? Não; só se podia temê-Lo.

(...) Toda a Doutrina do Cristo se funda no caráter que Ele atribui à Divindade. Com um Deus imparcial, soberanamente justo, bom e misericordioso, Ele fez do Amor de Deus e da Caridade para com o próximo a condição indeclinável da salvação, dizendo: Amai a Deus sobre todas as coisas e o vosso próximo como a vós mesmos; nisto estão toda a Lei e os Profetas; não existe outra lei. Sobre esta crença, assentou o princípio da igualdade dos homens perante Deus e o da fraternidade universal”.

É o que aprendemos com Allan Kardec, que ainda ensina⁴:

“A parte mais importante da revelação do Cristo, no sentido de fonte primária, de pedra

⁴• Kardec, A. “A Gênese” – Capítulo I, itens 23 e 25.

angular de toda a Sua Doutrina é o ponto de vista inteiramente novo sob que considera Ele a Divindade. Esta já não é o Deus terrível, ciumento, vingativo, de Moisés; o Deus cruel e implacável, que rega a terra com o sangue humano, que ordena o massacre e o extermínio dos povos, sem excetuar as mulheres, as crianças e os velhos, e que castiga aqueles que poupam as vítimas; já não é o Deus injusto, que pune um povo inteiro pela falta de seu chefe, que se vinga do culpado na pessoa do inocente, que fere os filhos pelas faltas dos pais; mas, um Deus clemente, soberanamente justo e bom, cheio de mansidão e misericórdia, que perdoa ao pecador arrependido e dá a cada um segundo as suas obras. Já não é o Deus de um único povo privilegiado, o Deus dos exércitos, presidindo aos combates para sustentara sua própria causa contra o Deus dos outros povos; mas, o Pai comum do gênero humano, que estende a Sua proteção por sobre todos os Seus filhos e os chama todos a Si; já não é o Deus que recompensa e pune só pelos bens da Terra, que faz consistir a glória e a felicidade na escravidão dos povos rivais e na multiplicidade da progenitura, mas, sim, um Deus que diz aos homens:

A vossa verdadeira pátria não é neste mundo, mas no reino celestial, lá onde os humildes de coração serão elevados e os orgulhosos serão humilhados.

Já não é o Deus que faz da vingança uma virtude e ordena se retribua olho por olho, dente por dente; mas o Deus de misericórdia, que diz:

“Perdoai as ofensas, se quereis serperdoados; fazei o bem em troca do mal; não façais o que não quereis que vos façam.”

Já não é o Deus mesquinho e meticuloso, que impõe, sob as mais rigorosas penas, o modo como quer ser adorado, que Se ofende pela inobservância de uma fórmula; mas o Deus grande, que vê o pensamento e que se não honra com a forma. Enfim, já não é o Deus que quer ser temido, mas o Deus que quer ser amado. ”

2 Da Imortalidade da Alma

Os Espíritos têm fim? Compreende-se que seja eterno o princípio donde eles emanam, mas o que perguntamos é se suas individualidades têm um termo e se, em dado tempo, mais ou menos longo, o elemento de que são formados não se dissemina e volta à massa donde saiu, como sucede com os corpos materiais. É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não terfim.

“Há muitas coisas que não compreendeis, porque tendes limitada a inteligência. Isso, porém, não é razão para que as repilais. O filho não compreende tudo o que a seu pai é compreensível, nem o ignorante tudo o que o sábio apreende. Dizemos que a existência dos Espíritos não tem fim. É tudo o que podemos, por agora, dizer.”

(O Livro dos Espíritos. Questão 83)

“O Espírito sopra onde quer; ouve-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai; pode-se entender que se trata do Espírito de Deus, que dá Vida a quem Ele quer, ou da alma do homem. Nesta última acepção— “não sabes donde ele vem, nem para onde vai” — significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado

ao mesmo tempo em que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Vemos aí consagrado o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências. ”

CO Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. IV, item 9)

Imortalidade, Livre-arbítrio e Destino

“Se a Vida fosse destruída com a morte, ela não teria sentido em si mesma, nem finalidade, em razão de sua fragilidade e brevidade. ”

J. M. Fernández Colavida

Com raras exceções, a Imortalidade sempre fez parte da cultura dos povos. Em muitas sociedades primitivas tem-se encontrado vestígios da Imortalidade da Alma, sem que esses grupos étnicos jamais mantivessem contacto entre si.

Somente após Allan Kardec, que codificou o conhecimento esparso dos séculos, sob os auspícios dos Espíritos do Senhor, é que a Imortalidade saiu do terreno das lendas, superstições e crendices, para estadear-se no plano das realidades incontestáveis.

O fenômeno mediúnico teve aí papel preponderante.

Ensina o ínclito Mestre Lionês⁵:

“As comunicações espíritas tiveram como resultado mostrar o estado futuro da Alma, não mais em teoria, porém, na realidade. Põem-nos diante dos olhos todas as peripécias da Vida de Além-Túmulo. Ao mesmo tempo, no- las mostram como consequências perfeitamente lógicas da Vida terrestre e, embora despojadas do aparato fantástico que a imaginação do homem criou, não são menos pessoais para os que fizeram mau uso de suas faculdades. Infinita é a variedade dessas consequências. Mas, em tese geral, pode-se dizer: cada um é punido por aquilo em que pecou. Assim, é que uns o são pela visão incessante do mal que fizeram; outros, pelo pesar, pelo terror, pela vergonha, pela dúvida, pelo insulamento, pelas trevas, pela separação dos entes que lhe são caros, etc. ”

Conclui com Kardec, Fernández Colavida⁶:

“(…) eliminado das mitologias e lendas, o fantástico e imaginário, que são exaltações dos acontecimentos reais, permanecem os fenômenos mediúnicos indiscutíveis, porque os mesmos seguem ocorrendo na atualidade, demonstrando a continuação da Vida depois da Vida, como única forma de ter sentido e lógica a própria realidade intelectual do ser.

Sábios notáveis e cépticos, estudando a mediunidade, depois de elaborar teorias diferentes e contínuas para negar a sobrevivência do Espírito, viram-se forçados a submeter-se à linguagem dos fatos, crendo na Imortalidade, por ser esta a única hipótese que tem resistido a todas as suspeitas e incredulidades.

(…) A demonstração mediúnica da Imortalidade da Alma, proporciona valor ao homem, cujos

⁵ * Kardec, A. “O Livro dos Espíritos”. Questão 973 (nota)

⁶ • J.M.Fernández, Colavida/Franco, D.P. “Rumo às Estrelas”. Capítulo 8.

horizontes se fazem mais amplos e distantes, assinalando-lhe possibilidades infinitas e realizações sem fim.

A Terra já não é o ponto final, a morada única para o ser, e sim, uma escola para a aprendizagem e para a aquisição da experiência, as quais, juntas, trabalham em favor do aperfeiçoamento do Espírito.

A dor deixa de ser um castigo da Vida para transformar-se em inevitável efeito da opção pessoal de cada um, que escolhe tal ou qual caminho, de paz ou de violência, de esforço ou preguiça para crescer ou progredir

O homem se faz consciente de que ele é o arquiteto de seu próprio destino e que sua marcha ascendente se fará sempre pelo esforço pessoal – sem privilégio algum – exceto o de ser possuidor do discernimento e da razão para fazer o que deve e lhe corresponde realizar.

Amparado por aqueles que se lhe anteciparam no retorno ao mundo de origem, avança – confiante – olhando para frente e para o Alto com a certeza do triunfo.

Nesse homem, crente e consciente da Imortalidade da Alma, cantam as melodias do bem no ritmo da esperança por um futuro melhor para ele e para a Humanidade, de que se toma parte no organismo social, como membro importante e muito significativo que é. ”

Imortalidade, Reencarnação e Evolução

Tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento. ”

Si?. Agostinho⁷

A Pluralidade das Existências liga-se – inseparavelmente – à progressão gradativa.

A crer-se na unicidade da existência, ou melhor, na doutrina anti-reencarnacionista, muitas questões indelindáveis e insolúveis tomariam corpo, entre elas a Justiça Divina e a evolução das criaturas.

Como crer na Justiça Divina e ao mesmo tempo na unicidade das existências? Como se explicariam os desníveis sociais e econômicos; as condições de saúde e doenças? Por outro lado, se somos criados para atingirmos a perfeição e a felicidade sem mescla, como tecer a “veste-nupcial” em algumas dezenas de anos? E aqueles que morrem todos os dias sem terem tido a mínima oportunidade de se elevarem, visto terem vivido em meios adversos? As questões se multiplicariam indefinidamente e desafiamos quaisquer religiões filosofias a equacioná-las racionalmente, tendo um dos elementos da equação como a unicidade das existências. Impossível!...

A unicidade é incompatível com a Justiça Divina e com os mais mezinhos princípios da razão.

Só a certeza da existência da reencarnação poderá auxiliar-nos a compreender os grandes enigmas apresentados pela Vida. Aliás, não somente os enigmas encontram as

⁷ • Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. III, item 19, 1ª parágrafo.

explicações necessárias, como também se resolve - facilmente - a questão da evolução gradativa até o desembocar na meta assinalada para todo ser: a perfeição relativa e a felicidade sem mescla.

Aquele que em uma existência não lograsse o “passaportê” para as moradas superiores da Casa do Pai, teria nova oportunidade com a reencarnação seguinte, e assim sucessivamente até conseguir a alforria, consoante esclarecimento de Jesus ao afirmar que nenhuma ovelha que o Pai Lhe confiou se perderia.

Ensina Kardec⁸:

Com a reencarnação e o progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tomam a encontrar-se na Terra e no Espaço e, juntos, gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram.

Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição. ”

Justiça Divina, Imortalidade, Reencarnação e Evolução são termos da equação da Vida, e não pode ser de outra forma, uma vez que “ tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento”.

Não é sem motivo que a frase escolhida para ser estampada no túmulo de Allan Kardec foi esta: ‘Nascer, morrer, renascer ainda, e progredir sem cessar, tal é a lei. ’

Vida, Imperecível Vida!...

“A Vida é tão bela que a gente devia bater palmas e f>edir bis.”

Vicentina Grincenkov

Vicentina Grincenkov, já desencarnada, viveu seus últimos dias de sua mais recente reencarnação, internada no setor psiquiátrico da Colônia de Curupaiti em Jacarepaguá, Rio de Janeiro. Em um de seus momentos de lucidez, irradiando felicidade através de seus olhos azuis, cunhou a frase em epígrafe ao receber a visita de pessoas de um agrupamento espírita.

Embora articulada por uma criatura submetida a soez apoucamento mental, essa frase expressa, em sua intimidade, realidades insofismáveis como a Imortalidade da Alma e a Reencarnação, além de cantar, também, a beleza de que se reveste o processo evolutivo oferecido pela Vida, essa imperecível Vida!...

A Doutrina Espírita revela, à luz da razão mais cristalina, esses postulados que se constituem mesmo os seus pontos básicos.

Vicentina tem toda razão quando afirma ser bela a Vida!...

⁸* Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. IV, item 22, 2º parágrafo.

O Pai Celestial oferece a todas as Suas criaturas a possibilidade de evoluir. A Vida estua, exuberante, em ambos os planos: camal e espiritual, em suas expressões de beleza e poesia, convidando à ascensão, à emancipação espiritual...

E o “bis” de Vicentina, nada mais é do que a expressão incontestada da Reencarnação: tantas vezes voltaremos ao proscênio terrestre quantas forem as vezes necessárias para o nosso aprimoramento espiritual. E não só pela beleza, como também pela justiça imparcial e distributiva dos processos palingenésicos, nós deveríamos “baterpalmas” ao Pai Celestial.

Por certo, nem mesmo Vicentina possa ter dado conta da riqueza de conteúdo existente em sua frase tão pequena, mas que sintetizou muito bem as mais belas expressões da Justiça Divina, bem como cantou as glórias excelsas da Criação, louvando ao Pai e à Vida, ao mesmo tempo em que realça a Imortalidade da Alma e a Reencarnação. Sua frase nos faz compreender os motivos de Jesus ao agradecer ao Pai dizendo⁹:

“Graças Te rendo, meu Pai, Senhor do Céu e da Terra, por haveres ocultado essas coisas aos doutos e prudentes e por as teres revelado aos simples e aos pequenos.”

A própria situação de debilidade mental de Vicentina — por paradoxal que possa parecer — tem também a sua beleza. Basta ter olhos de ver, ou então meditar nessas palavras de Ayres de Oliveira:

“Sem que a semente abandone o envoltório, não há germinação para a sementeira; sem o calor asfixiante, o vaso nobre deixaria de existir; e sem o cinzel que martiriza a pedra selvagem, a obra-prima de escultura jamais seria arrancada à matéria bruta, para o nosso ideal de beleza.”

Pela bênção da Doutrina Espírita clareando a noite escura de nossa ignorância e pelas belas possibilidades de alforria oferecidas a mancheias pelo Pai Celestial, “batamospalmas” em agradecimento a Ele, e, a fim de subirmos os infinitos degraus da grande escada evolutiva, peçamos “bis” aos departamentos espirituais que cuidam dos processos da reencarnação, para que se nos ofereçam as condições de elevação espiritual, até que tenhamos, finalmente, esgotado o nosso cálice de provações redentoras.

Não falece dúvida que nossa irmã Vicentina Grincenkov já está logrando arrancar à matéria bruta a obra-prima de escultura espiritual e, nas paragens do Infinito, continua a sua caminhada ascendente, irradiando alegria através de seus olhos azuis em hosanas de louvor à beleza da Vida que tanto aqui como no Além, inquestionavelmente continuará sendo sempre Vida, imperecível Vida.

Eles Vivem

“Não morre aquele que aspira ao amor e sonha com o ideal da Beleza entregue ao cultivo da virtude, no exercício da retidão.”

Joanna de Ângelis

⁹* Mateus, 11:25.

Jesus afirmou:

“Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardara minha palavra, nunca verá a morte”. “Eu Sou a ressurreição e a Vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu nisto?”

Popularmente se diz que ninguém voltou “do outro lado” para dizer o que é a morte. Ledo engano... Após psicografar quase meio milheiro de livros, no final de seu mandato mediúnico, Chico Xavier recebeu - às centenas - magotes de cartas de desencarnados que voltaram para acalmar o desespero dos que ficaram.

O Espiritismo, dentre as múltiplas finalidades, tem uma cuja função é revelar o que é — realmente — a morte, seu porquê, e disciplinar os intercâmbios mediúnicos entre os dois planos da Vida.

Aprendemos com os Espíritos Amigos que a morte não existe. É simplesmente uma mudança de estado vibracional; a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à Vida condições ao seu funcionamento e à sua evolução. Para além da campa, abre-se uma nova fase da existência. O Espírito, debaixo de sua forma fluídica, imponderável, prepara-se para novas encarnações; acha-se frente a frente no seu estado normal com os frutos da existência que findou.

Por toda parte se encontra a Vida. A Natureza inteira está a mostrar-nos, nos seus maravilhosos e coloridos panoramas, a renovação incessante de todas as coisas. Em parte alguma existe a morte, como é em geral considerada entre nós; em parte alguma há o aniquilamento; nenhum ente pode perecer no seu princípio de Vida, na sua unidade consciente. O Universo transborda de Vida física e psíquica. Por toda parte o imenso formigar dos seres, a elaboração de Almas que, quando escapam às demoradas e obscuras preparações da matéria, é para prosseguirem, nas etapas da luz, a sua ascensão magnífica.

A Vida do homem é como o Sol das regiões polares durante o estio. Desce devagar, baixa, vai enfraquecendo, para desaparecer um instante e some por baixo da linha do horizonte. É o fim, na aparência; mas, logo depois, toma a elevar-se, para novamente descrever a sua imensa órbita no Céu.

A morte é apenas um eclipse momentâneo na grande revolução das nossas existências; mas basta esse instante para revelar-nos o sentido grave e profundo da Vida.

A própria morte pode também ter a sua nobreza, a sua grandeza... Não devemos temê-la, mas, antes, esforçarmo-nos por embelezá-la, preparando-nos cada um constantemente para ela, pela pesquisa e conquista da beleza moral, a beleza do Espírito que molda o corpo e o orna com um reflexo augusto na hora das separações supremas.

A maneira por que cada qual sabe morrer é já, por si mesma, uma indicação do que é para cada um de nós a realidade “post-mortem”.

Jesus — indubitavelmente o Senhor do Mundo — é o Herói da Sepultura Vazia. Foi Ele o mais nobre pregoeiro da Vida com excelente realidade a respeito da morte.

Circunscrevendo todos os Seus ensinamentos em tomo da Vida e da Vida Abundante, a Sua mensagem é um hino perene à glória do existir, seja num ou noutra setor de atividade em que se manifestam as expressões eternas do Espírito: na carne e além dela.

Em todo o Seu ministério de Amor e Trabalho, Sua palavra é Luz e Vida, considerando os mortos somente aqueles que perderam a visão e obstruíram as percepções da realidade espiritual.

Depois Dele, coube ao Espiritismo a inapreciável tarefa de interpretar a morte, libertando-a dos infelizes conceitos de vários matizes que foram tecidos milenarmente na plenitude da ignorância sobre a sua legítima feição.

Atestando a continuidade da Vida após o decesso somático, graças ao convívio mantido entre os homens e os Imortais, o Espiritismo libertou a Vida do guante da vândala e famélica destruição, exaltando a perenidade do existir em todas as latitudes do Cosmo, na sua incessante progressão para o Infinito.

Vive, portanto, como se estivesse a cada momento preparando-se para renascer além e após o túmulo. A Vida que se leva é a Vida que cada um teve enquanto na indumentária carnal. Traspassa-se o pórtico de lama e cinza em que se transformam os implementos materiais, com as próprias conquistas morais, construindo as asas de anjo com que se pode ascender à Verdade, ou com as grosseiras amarras para com a retaguarda, mediante as quais se imantam os engodos fisiológicos.

A Vida Espiritual é - com efeito - a verdadeira Vida, é a Vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra.

A bem da verdade, mortos somos nós, os encarnados. Vivos são os desencarnados que já vivem a verdadeira e imperecível Vida. Portanto, o temor da morte não deve existir entre aqueles que têm fé no futuro e que já sabem, pelos informes espíritas que além do túmulo existe Vida e... "Vida Abundante".

Jesus Matou e o Espiritismo Sepultou a Morte

"Onde está, ó morte, o teu aguilhão?"

Paulo, 1 Cor., 15:55)

Quem toma conhecimento do Evangelho de Jesus, passa a deslumbrar-se com o maior poema de louvor à Vida.

As assertivas Messiânicas são de molde a desvelar à pobreza intelectual humana os luminescentes horizontes do Infinito, mostrando a Vida estuante e plena após a escuridão tumular.

Compreendeu isso Paulo com apenas um contacto com o Suave Rabi no deserto Sírio às

portas de Damasco, como também o compreenderam os Apóstolos que registraram as palavras de Jesus no Evangelho¹⁰ -.

“Se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte.”

Por que, então, após dois mil anos de implantação das **Informações Novas** o homem não demitizou a morte?

A explicação está no fato de que a Humanidade vem colocando os valores materiais e imediatos acima dos espirituais.

E nisso, até as religiões pecaram ao substituir por dogmas e formalismos exteriores a essência dos ensinamentos de Jesus, tão simples em sua origem.

Assiste, pois, toda razão ao excelente cultor das letras espíritas: Guaracy Paraná Vieira, que, em mensagem psicografada pelo médium Napoleão de Araújo em 20.10.93, no Centro de Estudos Espíritas Francisco de Assis afirmou: *“(...) A chamada morte, tão temida pela maioria dos encarnados, na realidade é uma convenção humana.*

Pois, se o Espírito preexiste e sobrevive ao corpo, este é um mero instrumento de trabalho. Todo instrumento se desgasta, mas o artífice continua o trabalho, procurando se valer de outro.”

E continua esclarecendo, na mesma mensagem: *“(...) O corpo físico, pois, é um excelente veículo para que se efetue o progresso. Mas daí a termos supervalorizado o aspecto da separação do Espírito e do corpo, não há maior validade.*

O homem esclarecido pela Doutrina dos Espíritos logo compreenderá este aspecto do fenômeno mais certo de ocorrer a cada ser encarnado, porque, no fundo da questão, a morte não existe: nós a convencionamos.

Jesus, o Mestre dos mestres, já a derrotou e provou que ela é uma criação humana.”

A esplendente madrugada de Luz, testemunhada por Maria de Magdala, continua a perenizar-se na intimidade de todos quantos guardam a palavra de Jesus no relicário da Alma.

Alvíssaras de tempos novos, o advento do Espiritismo, consolidando as palavras de Jesus, plenificará a Humanidade de conhecimentos que sobrepassaram acima de seus limitados horizontes.

Aprendemos com Kardec¹¹:

“(...) A Vida Futura deixa de ser uma hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse Mundo que nos vêm descrever a sua situação: aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da Vida de

¹⁰ • João, 8:51.

¹¹ • Kardec, A. “O Céu e o Inferno”. 1ª parte. Capítulo II, item 10.

além-túmulo.

Eis aofato pelo qual os Espíritas encaram a morte calmamente e se revestem de serenidade nos seus últimos momentos sobre a Terra.

fã não é só a esperança, mas a certeza que os conforta; sabem que a Vida Futura é a continuação da Vida terrena em melhores condições e aguardam-na com a mesma confiança com que aguardariam o despontar do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança decorrem, outrossim, dos fatos testemunhados e da concordância desses fatos coma lógica, coma Justiça e a Bondade de Deus, correspondendo às íntimas aspirações da Humanidade...

Para os Espíritas, a alma não é uma abstração; ela tem um corpo etéreo que a define ao pensamento, o que muito é para fixar as idéias sobre a sua individualidade, aptidões e percepções. A lembrança dos que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se nos apresentam mais como chamas fugitivas que nada falam ao pensamento, porém como seres viventes. Além disso, em vez de perdidos nas profundezas do Espaço, estão ao redor de nós; o Mundo Corporal e o Mundo Espiritual identificam-se em perpétuas relações, assistindo-se mutuamente.

Não mais permissível sendo a dúvida sobre o futuro, desaparece o temor da morte; encara-se a sua aproximação a sangue-frio, como quem aguarda a libertação pela porta da Vida e não do nada ”.

Os Maiores da Espiritualidade informaram o seguinte¹²:

“Teu Espírito é tudo; teu corpo é simples veste que apodrece. ”

Segundo a lúcida assertiva de Emmanuel, “morrer significa penetrar mais profundamente no mundo de nós mesmos, consumindo longo tempo em despira túnica de nossos reflexos menos felizes. ”

Fazendo abstração de argumentos teológicos e antropológicos, comprometidos com uma repulsão instintiva da idéia de aniquilamento do homem, Sir Oliver Lodge afirma com inabalável convicção:

“Conheço o peso da palavra ‘fato ’ na ciência e digo, sem hesitação, que a continuidade individual e pessoal é para mim um fato demonstrado. Cheguei a esta conclusão pelo estudo das faculdades humanas obscuras, isto é, ainda não reconhecidas pela ciência ortodoxa e que não receberam aprovação dos teólogos em geral.”

Dentre as revelações vazadas do Mais Alto, por nímia bondade do Criador, uma se destaca como sendo a mais importante: A Imortalidade da Alma!...

As conceituações em tomo da Imortalidade da Alma espraiam-se abundantemente em toda a obra codificada pelo ínclito Pedagogo Lionês.

Projetando as luzes do Mundo Maior nas trevas de nossa ignorância, o Espiritismo clareia nossas veredas emulando-nos com a certeza da Imortalidade e uma permanente transformação para o Bem.

¹² | Kardec, A. “O Livro dos Espíritos”. Questão 196-a.

Agregada à nossa transformação moral, está a confiança num futuro sempre melhor, tomando-nos felizes, inobstante sofrermos experiências palingenésicas num contexto ainda de provas e expiações.

Somos eternos: eis a realidade!...

Partindo dessa premissa, sob a peregrina luz da razão, resta-nos trabalhar incessantemente para que rutilem em nosso horizonte existencial os frutos sazoados de uma sementeira profícua e feliz...

Se a Doutrina Espírita apenas nos comprovasse a Imortalidade da Alma, já seria uma conquista de inestimável valor. Porém, ela nos leva mais longe: às conseqüências que estão gravitando em torno da Imortalidade, isto é, a evolução, o livre-arbítrio, a reencamação, causa e efeito, e tantas mais, constituindo-se essa plêiade de corolários os propulsores do Espírito na difícil e árdua escalada rumo ao Criador.

É uma felicidade ter certeza de que a Vida não termina no túmulo, e sim, que se desdobra com toda pujança no Plano Espiritual, constituindo-se a Vida material apenas uma cópia imperfeita daquela.

Num ensaio intitulado "A Nova Geração", inserto na 2ª parte do livro "A Gênese", Allan Kardec modula um belíssimo poema imortalista, do qual extraímos algumas partes:

"Quantos prejuízos antigos vão desmoronar em bloco quando o Espírito, como uma acha de duplo gume, vier decepá-los pelos fundamentos.

(...) O materialismo será abatido em seus discursos por uma palavra mais eloquente do que a sua, e, pelo fato patente, positivo e averiguado por todos, visto que grandes e pequenos, novos Tomés, poderão tocar com o dedo.

O velho e carcomido mundo estala por toda parte; o velho mundo acaba e com ele todos esses velhos dogmas, que só reluzem ainda pelo dourado que os cobre.

(...) Nova aurora se ergue e é para lá que tendem as nossas aspirações!...

Avante, diz ela; alargai a estrada, os irmãos nos seguem. Ide com a onda que nos arrasta; necessitamos do movimento, que é Vida, ao passo que vós nos apresentais a imobilidade, que é a morte. Os vossos santos e mártires absolutamente não estão mortos, para que lhes imobilizeis o presente. Eles entreviram a nossa época e se lançaram à morte como à estrada que havia de conduzi-los lá.

A cada época o seu gênio. Queremos lançar-nos à Vida, porquanto os séculos vindouros, que divisamos, têm e horror à morte.

(...) Rejubilai-vos, pois, todos vós que aspirais à felicidade e que desejais participem dela os vossos irmãos, como vós mesmos: o dia chegou! A Terra trepida de alegria, porquanto vai assistir ao começo do reinado da paz que o Cristo, o Divino Mestre prometeu; reinado cujos fundamentos Ele desceu a assentar."

A Imortalidade estua - exuberante - após o decesso carnal, e, "cada um receberá de acordo com as suas obras" conforme palavras de Jesus registradas por] Mateus no capítulo

dezesseis, versículo vinte e sete.

Somos herdeiros de Deus. O Reino dos Céus é a nossa herança que será usufruída em regime de Vida Abundante.

Jesus, o vexilário do túmulo vazio, levantou – em definitivo – a lápide tumular. Ergamos, também o véu da ignorância, derribando os ancilosados dogmas, enganos e informações ultrapassadas que já não atendem mais aos reclamos da razão e vislumbremos as imarcescíveis verdades trazidas pelo Divino Amigo, repetindo com o inolvidável “Vidente de Damasco”: *“Onde está, ó morte, o teu aguilhão?!...”*

Assim, sob os influxos da certeza da Imortalidade da Alma, que nos acena com as possibilidades de um porvir risonho, onde a felicidade sem mescla já não será uma utopia, parafraseemos o salmista Davi: (Salmos 66:8, 9 e 10)

“Bendizei povos, ao nosso Deus, e fazei ouvir a voz do seu louvor: Ao que sustenta com Vida a nossa Alma, e não consente que resvalém os nossos pés.

Pois tu, ó Deus, nos provaste; e Tu nos afinaste como se afina a prata.”

Da Pluralidade dos Mundos Habitados

“São habitados todos os Globos que se movem no espaço?”

“Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se têm por espíritos muitofortes e que imaginam pertencera este pequenino Globo o privilégio de conter os seres racionais. Orgulho e Vaidade! Julgam que só para eles criou Deus o Universo.” (O Livro dos Espíritos. Questão 55)

“(…) Há muitas moradas na Casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. – Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais.”

Jesus Oo., 14:2 e 3)

Nas Paragens do Infinito

“Deus povoou de seres vivos os mundos, concorrendo todos esses seres para o objetivo final da Providência. Acreditar que só os haja no planeta que habitamos fora duvidar da sabedoria de Deus, que não fez coisa alguma inútil.”

Alton Kardec

Só mesmo o orgulho mesclado com a vaidade e a ignorância poderia levar alguém a deduzir que Deus criou o Universo só para recrear a vista dos seres terrestres (que aliás olham muito pouco para o Alto!...)

Ensinam os Espíritos Amigos que existem Orbes adequados a habitantes dos mais variados matizes do infinito mosaico evolutivo. Destarte, existem mundos inferiores, iguais e superiores à Terra.

Nos Orbes inferiores, a existência é mais material, menos requintada, nos quais imperam

as paixões e praticamente não existe Vida moral. Nos Orbes intermédios, o bem vem de mescla com o mal, havendo predominância de um ou outro, segundo o grau de adiantamento ou atraso da maioria dos que os habitam. Nos Orbes mais adiantados, a Vida é toda espiritual.

Não podemos classificar de forma absoluta e estanque as “muitas moradas da Casa do Pai”. Porém, se fizermos nossa análise, tomando por base os matizes mais adiantados de seus respectivos habitantes, poderemos classificá-las, segundo informe dos Espíritos em¹³:

1 - *Mundos Primitivos* — Destinados às primeiras

encarnações da Alma humana;

2 - *Mundos de Expição e Provas* — Onde domina o mal;

3 — *Mundos de Regeneração* — Nos quais as almas que

ainda têm o que expiar haurem novas forças, repousando das fadigas da luta;

4 — *Mundos Ditosos* — Onde o bem sobrepuja o mal;

5 - *Mundos Celestes ou Divinos* — Habitações de

Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. Entendemos com os Amigos Espirituais que não nos encontramos indefinidamente presos a um determinado mundo. Quando alcançarmos o grau de adiantamento máximo, suscetível de se atingir em um determinado Orbe, passaremos para outros mais adiantados e assim por diante, até atravessarmos todas as estações evolutivas.

Ensina Galileu¹⁴:

Do fato de que a vossa natureza animada começa no zoófito para terminar no homem; de que a atmosfera alimenta a Vida terrestre, de que o elemento líquido a renova incessantemente, de que as vossas estações fazem com que se sucedam nessa Vida os fenômenos que as distinguem, não concluais que os milhões e milhões de Terras que rolam pela amplidão sejam semelhantes à que habitais. Longe disso, aquelas diferem, de acordo com o papel que a cada uma coube no cenário do Universo. São pedrarias variegadas de um imenso mosaico, as diversificadas flores de admirável parque.”

Na questão 872 de “O Livro dos Espíritos” os Espíritos explicam e conclamam:

“(…) Todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana e, como o nosso mundo é um dos menos adiantados, nele se conta maior número de Espíritos maus que bons. Tal a razão por que aí vemos tanta perversidade. Façamos, pois, todos os esforços para a este planeta não voltarmos, após a presente estada, e para merecermos ir repousar em mundo melhor.”

¹³ • Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. III, item 4.

¹⁴ ** Kardec, A. “A Gênese”. Cap. VI, item 61.

Deus e o Universo

"(...) Na Casa do Pai há muitas moradas..."

Jesus (Jo., 14:2)

Segundo Emmanuel *"em uma expressão objetiva o Universo é o Pensamento Divino"*.

No capítulo III de *"O Evangelho Segundo o Espiritismo"*, Allan Kardec desenvolve com muita propriedade a expressão messiânica em epígrafe registrada nas anotações joaninas.

Com o Mestre Lionês, descobrimos que *"a Casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos"*.

Como o progresso é Lei da Natureza, assim como os Espíritos, também os mundos evoluem. Se nos fosse dado acompanhar um Planeta em suas diversas fases, vê-lo-íamos percorrer uma incessante escala de progresso.

Cada mundo está apropriado para a população espiritual destinada a ele em paridade de nível evolutivo. Dessa forma, alteia-se a majestade do Criador que com uma Justiça Distributiva Perfeita dá *"a cada um segundo as suas obras"*.

Com seu raciocínio lúcido, continua Kardec: *"Tudo no Universo se liga, tudo se encadeia; tudo se acha submetido à grande e harmoniosa Lei de Unidade, desde a mais compacta materialidade, até a mais pura espiritualidade. A Potência Divina refulge em todas as partes desse grandioso conjunto."*

Por mais tenha sido o pensamento aprisionado entre as grades dos interesses mesquinhos e subalternos dos ecónomos infiéis, a Doutrina Espírita vem hoje libertá-lo das peias ancestrais a fim de que possa espriar-se pelas aléias do Universo Infinito, em regime de total liberdade sob os acordes das loas e hosanas ao Pai Celestial.

O homem cósmico reencontra sua identidade de cidadão do Universo, e, como tal, prossegue - intêrrito - pelas veredas evolutivas em busca da paz e da felicidade imarcescíveis.

Horizontes do Infinito

"O homem que triunfa no mundo, ganha destaques e honrarias; todavia, aquele que vence o mundo, ganha a Vida e dele se liberta."

Joanna de Ângelis¹⁵

Em afirmativa exarada na Codificação, Allan Kardec esclarece¹⁶:

"(...) a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na Vida futura".

E continua o Mestre Lionês:

¹⁵ • Joanna de Ângelis/Franco, D.P. "Responsabilidade". Cap.

¹⁶ "Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Cap. II, itens 5 a 7.

Encarando o homem a Vida terrestre do ponto de vista da Vida futura, ele vê a Humanidade, tanto como as estrelas do firmamento que se perdem no Infinito. Percebe, então, que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que proletários e potentados são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas efêmeras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão.

(...) Deus não condena os gozos terrenos; condena, sim o abuso desses gozos em detrimento das coisas da alma.

*Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: **Meu Reino não é deste Mundo.***

O Espiritismo dilata o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão acanhada e mesquinha, que o concentra na Vida atual, e faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, (o Espiritismo), mostra que essa Vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que conjuga todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Faculta, assim, uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma, por ocasião do nascimento de cada corpo, toma estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o inexplicável que se apresenta, desde que se considere apenas um pronto. Esse conjunto, ao tempo do Cristo, os homens não o teriam prodido compreender, motivo por que Ele reservou para outros tempos o fazê-lo conhecido.
”

A solidariedade é lei universal. Quando, na Oração Dominical dizemos: “Pai Nosso” estamos admitindo a paternidade divina, comum a todos os seres, não só da Terra, mas, também, de todos os Orbes semeados pela vastidão infinita.

A Doutrina Espírita, desvelando os panoramas do Universo, dá a exata dimensão de quão infinitamente pequena é a Terra que habitamos, quando comparada com as imensidades celestiais...

Há que se vencer o mundo, tal como o fez Jesus a fim de conquistarmos nossa definitiva alforria e ganhar a verdadeira Vida, libertando-nos dos círculos reencarnatórios dolorosos vividos em planetas inferiores.

A par do sentido linear, podemos, também, entender como “as muitas moradas da Casa do Pai” as moradas interiores que, em última análise traduzem o “clima psicológico” de cada criatura.

Duas pessoas podem estar vivendo na mesma casa, e no entanto, podem estar, simultaneamente em “moradas psíquicas” diferentes. A questão fica ao sabor do livre-arbítrio que a umas direciona para o “inferno íntimo” dos equívocos, da ignorância e dos desatinos, enquanto que outras podem estar em níveis evolutivos superiores, na direção dos acúmes da paz, da sabedoria e do amor.

Assim, podem existir muitas moradas íntimas construídas com os materiais que cada um fornece de acordo com seus talentos, desejos e sintonia.

É fato concreto, porém, que todas as ovelhas do imenso rebanho terrestre não se perderão – tresmalhadas – nos abismos terrestres, de vez que é da vontade do Meigo Pegureiro que nenhuma delas se perca. Ele, pacientemente, as tangerá para as infinitas e superiores moradas da Casa do Pai.

O Estado Espiritual Sem Retorno Terrestre

“(…) Vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também. |

Jesus. Oo., 14: 2 e 3)

Compulsando a “Revue Spirite”¹⁷, vamos ler:

“Compreendei que o Espírito deve ser livre em seu vôo para o Infinito; compreendei que, tendo saído dos cueiros da matéria, aspira, como a criança a marchar e a correr sem ser detido pelas andadeiras maternas, e que essas primeiras necessidades da primeira educação da criança são supérfluas para a criança já crescida e insuportáveis para o adolescente. Não desejeis pois, ficar na infância; olhai-vos como alunos que fazem os últimos estudos e se dispõem a entrar no mundo, e nele ter a sua classe e a começar trabalhos de outro gênero, que seus estudos preliminares terão facilitado”.

O Espiritismo é a alavanca que levantará de um salto ao estado espiritual a todo encarnado que, quando melhor compreendê-lo e o colocar em prática, tratará de dominar a matéria, a tomar-se seu senhor; todo espírito de boa-vontade pode pôr-se em um estado de passar, ao deixar este mundo, para o estado espiritual sem retomo terrestre. Apenas é preciso fé ou vontade ativa. O Espiritismo a dá a todos os que quiserem compreender em seu sentido moralizador.

Considerada do ponto de vista do progresso, a Vida do Espírito apresenta três períodos principais, a saber: Material, de Equilíbrio e Espiritual.

1º - O Período Material—No qual a influência da matéria domina o Espírito. É o Estado dos homens dados a paixões brutais e carnis, à sensualidade; cujas aspirações são exclusivamente terrenas, ligadas aos bens temporais e refratárias às idéias espirituais.

2ª - O Período do Equilíbrio — No qual as influências da matéria e do Espírito se exercem simultaneamente; em que, posto submetido às necessidades materiais, o homem pressente e compreende o estado espiritual; em que trabalha para sair do estado corporal. Nesses dois períodos o Espírito está sujeito à reencamação, que se realiza nos mundos inferiores e

médios.

3ª — *O Período Espiritual* — No qual, tendo dominado completamente a matéria, o Espírito não mais necessita da encarnação, nem do trabalho material; seu trabalho é inteiramente espiritual; é o estado dos Espíritos nos mundos superiores.

A facilidade com que certas pessoas aceitam as idéias espíritas, das quais, parece, têm a intuição, indica que pertencem ao segundo período; mas, entre este e os outros há muitos graus, que o Espírito transpõe tanto mais rapidamente quanto mais próximo está do estado espiritual. É assim que, de um mundo material como a Terra, pode ir habitar um mundo superior, se seu avanço moral e espiritual for suficiente para o dispensar dos graus intermediários. Depende, pois, do homem deixar a Terra sem retorno, como mundo de expiação e prova, ou de aí só vir em missão.

Nosso livre-arbítrio não está cerceado pela fatalidade. “A fatalidade¹⁸ tal como vulgarmente é entendida, supõe a decisão prévia e irrevogável de todos os acontecimentos da Vida, qualquer que seja a importância. Se ela estivesse na ordem das coisas, o homem seria máquina sem vontade.

(...) A fatalidade, entretanto, não é uma palavra vã. Ela existe na posição que o homem ocupa na Terra e nas funções que ele aí cumpre por consequência do gênero de existência que seu Espírito escolheu, como prova, expiação ou missão.

(...) Ele sofre — fatalmente — todas as vicissitudes dessa existência e todas as tendências boas ou más que a ela são inerentes. Mas a isso se reduz a fatalidade, porque depende de sua vontade ceder, ou não, a essas tendências. Ela não está jamais nos atos da Vida moral.

(...) Segundo a Doutrina Espírita, não há arrastamentos irresistíveis: o homem pode fechar o ouvido à voz oculta que o solicita ao mal em seu foro íntimo. Ele o pode por sua vontade pedindo a Deus a força necessária, e reclamando para isso a assistência dos bons Espíritos.

(...) O homem não é, pois, uma máquina agindo por um impulso independente de sua vontade, é um ser racional que escuta, julga e escolhe livremente entre dois conselhos.

(...) Assim, todos os Espíritos, mais ou menos bons, quando encarnados, constituem a espécie humana, e como nossa Terra é um dos mundos menos avançados, aqui se encontram mais maus do que bons Espíritos; por isso aqui vemos tanta perversidade. Façamos, portanto, todos os esforços para aqui não retomarmos depois desta estada, e, para merecer ir repousar num mundo melhor, num desses mundos privilegiados onde o bem reina sem oposição, e onde não nos lembraremos de nossa passagem neste mundo senão como um tempo de exílio.”

Ora, sabemos que a Terra¹⁹ “nada é, ou quase nada, na Via-Láctea; esta por sua vez, nada, ou quase nada, na universalidade das nebulosas e essa própria universalidade bem pouca coisa dentro do imensurável Infinito. Começamos, então, a compreender o que é o Globo Terrestre”.

¹⁸ * Kardec, A. “O Livro dos Espíritos”. Questão 872.

¹⁹ * Kardec, A. “A Gênese”. Cap. VI, item 36

O eixo do ensino do Cristo²⁰ é, sem dúvida alguma, a noção da Vida Futura. Daí ter Ele afirmado: 'Meu Reino não é deste mundo (Jo., 18:36)

Ele no-la apresenta em todas as circunstâncias, como o desiderato a que a Humanidade deve colimar, devendo constituir mesmo a sua conquista objeto das maiores preocupações do homem na Terra. Com efeito, sem a Vida Futura, nenhuma razão de ser teria a maior parte dos Seus preceitos morais, donde vem que os que não crêem na Vida Futura, imaginando que Ele falava na Vida presente, não os compreendem, ou consideram pueris.

"Na Casa do Pai há muitas moradas." Oo., 14:2) A Casa do Pai é o Universo²¹. "As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que neles encarnam, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos." "Os Espíritos²² que encarnam em um mundo não se acham presos indefinidamente, nem nele atravessam todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingirem a perfeição. Quando, em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo comporta, passam para outro mais adiantado e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais se lhes deparam elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É-lhes uma recompensa ascenderem a um mundo de ordem mais elevada, como é castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem relegados para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se vêem impedidos de voltar quando se obstinarem no mal."

"Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a espécie humana bem triste coisa é. Provém esse juízo do acanhado ponto de vista em que se colocam os que o emitem e que lhes dá uma falsa idéia do conjunto. Deve-se considerar que na Terra não está a Humanidade inteira, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros Orbes do Universo. Ora, que é a população da Terra, em face da população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena e a natureza dos que a habitam nada tem que espante desde que se leve em conta a de st inação da Terra.

*"Jamais deve o homem olvidar*que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada vicissitude, cumpre-lhe lembrar-se de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar."*

François de Genève dá-nos uma explicação que é ao mesmo tempo uma consolação²³:

²⁰ ** Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Cap.II, item 2.

²¹ • Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo".Cap. III, item 2.

²² ** Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Cap. III, itens 5 e 6.

²³ * Kardec, A. " O Evangelho Seg. o Espiritismo" - Cap. III, item 7 ** Kardec, A. " O Evangelho Seg. o Espiritismo" - Cap. V, item 25

Sabeis por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos vossos corações e vos leva a considerar amarga a Vida?– É que o vosso Espírito, aspirando à felicidade e à liberdade, se esgota, jungido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, toma-vos a lassidão, o abatimento, uma espécie de apatia, e vos julgais infelizes.

Crede-me, resisti com energia a essas impressões que vos enfraquecem a vontade. São inatas no Espírito de todos os homens as aspirações por uma Vida melhor, mas não as busqueis neste mundo, e, agora, quando Deus vos envia os Espíritos que lhe pertencem, para vos instruírem acerca da felicidade que Ele vos reserva, aguardai pacientemente o anjo da libertação para vos ajudar a romper os liames que vos mantêm cativo o Espírito. Lembrai-vos de que, durante o vosso degredo na Terra, tendes de desempenhar uma missão que não suspeitais, quer dedicando-vos à vossa família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus vos confiou. Se, no curso desse degredo-provação, exonerando-vos dos vossos encargos, sobre vós desabam os cuidados, as inquietações e tribulações, sede fortes e corajosos para os suportar. Afrontai-os resolutos. Duram pouco e vos conduzirão à companhia dos amigos por quem chorais e que, jubilosos por ver-vos de novo entre eles, vos estenderão os braços, a fim de guiar-vos a uma região inacessível às aflições da Terra.”

Fénelon²⁴ conclama-nos “a esforçarmo-nos por sair, pelo pensamento, de nossa acanhada esfera e, à medida que nos elevamos, diminuirá para nós a importância da Vida material, que, nesse caso, se nos apresentará como simples incidente, no curso infinito de nossa existência espiritual, a única verdadeira existência.

O Infinito e a Imortalidade

“Só a imaginação, em suas concepções mais altas, capaz de transpor tão prodigiosa imensidade, essas ilimitadas solidões universais, mudas e baldas de toda aparência de Vida, e de encarar, de certa maneira, a idéia dessa infinidade relativa.”

Allan Kardec

A mente abisma-se no inimaginável quando tentamos perscrutar a Eternidade!...

A imortalidade da alma tem servido de foco de zombaria e escárnio a certos pensadores prevenidos. No entanto, só ela é verdadeira ante o espetáculo da Criação.

Atentemos nas considerações de Kardec²⁵:

O homem e a Terra são nada em confronto com o que existe, e que as mais colossais operações do nosso pensamento ainda se estendem sobre um campo imperceptível, diante da imensidade e da Eternidade de um Universo que nunca terá fim.

E, quando esses períodos da nossa Imortalidade nos houver passado sobre as cabeças; quando a

²⁴ • Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. V, item 22

²⁵ * Kardec, A. “A Gênese”. Cap. VI, item 52

história atual da Terra nos aparecer qual sombra vaporosa no fundo da nossa lembrança; quando, durante séculos incontáveis, houvermos habitado esses diversos degraus de nossa hierarquia cosmológica; quando os mais longínquos domínios das idades futuras tiverem sido por nós perlustrados em inúmeras peregrinações, teremos, diante de nós, a sucessão ilimitada dos mundos e por perspectiva a Eternidade imóvel. ”

Completa, ainda, o Mestre Lionês²⁶:

“Tudo o que nos possa identificar com a imensidade da extensão e com a estrutura do Universo é de utilidade para a ampliação das idéias, tão restringidas pelas crenças vulgares. Deus avulta aos nossos olhos, à medida que melhor compreendermos a grandeza de Suas obras e a nossa infirmitade. Estamos longe, como se vê, da crença que a gênese moisaica implantou e que fez da nossa pequenina e imperceptível Terra, a criação principal de Deus e dos seus habitantes os únicos objetos de Sua solicitude. Compreendemos a vaidade dos homens que crêem que tudo no Universo foi feito para eles e dos que ousam discutir a existência do Ente Supremo. Dentro de alguns séculos, causará espanto que uma religião feita para glorificar a Deus O tenha rebaixado a tão mesquinhas proporções e que haja repellido, como concepção do espírito do mal as descobertas que somente vieram aumentar a nossa admiração pela Sua onipotência, iniciando-nos nos grandiosos mistérios da Criação.

Ainda maior será o espanto, quando souberem que elas foram repelidas porque emancipariam o espírito dos homens e tirariam a preponderância dos que se diziam representantes de Deus na Terra. ”

3 Da Pluralidade das Existências

²⁶ • Kardec, A. “A Gênese”. Cap. VI, item 47

Em que se funda o dogma da reencarnação?

“Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento (vide parábola do filho pródigo). Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”

“(…) Como quer que opinemos acerca da reencarnação, quer a aceitemos, quer não, isso não constituirá motivo para que deixemos de sofrê-la, desde que ela exista, mau grado a todas as crenças em contrário. O essencial está em que o ensino dos Espíritos é eminentemente cristão; apóia-se na imortalidade da alma, nas penas e recompensas futuras, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, na moral do Cristo. Logo, não é anti-religioso.”

(O Livro dos Espíritos. Questões 171 e 222.)

“(…) Quando Jesus pronunciou a divina palavra – amor – os povos sobressaltaram-se e os mártires, ébrios de esperança desceram ao circo.

O Espiritismo a seu turno vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estai atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a reencarnação, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual.”

(O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XI, item 8.)

Amor e Reencarnação

“O Espírito precisa ser cultivado como um campo.”

Lázaro²⁷

As duas primeiras palavras do alfabeto divino são: Amor e Reencarnação.

“O Amor, como Lei, substitui a personalidade pela fusão das criaturas e extingue as misérias sociais, resumindo, portanto, a Doutrina de Jesus por inteiro.” Afigura-se-nos a reencarnação a um campo, uma seara. E o Amor será o fruto sazonado e ideal resultante dos profícuos labores realizados nessa Seara, mormente se seguirmos as luminosas diretrizes do Divino Pomicultor.

Fénelon, um dos respeitáveis Espíritos que muito colaborou na feitura da Codificação, assevera**:

“Há pessoas a quem repugna a idéia da reencarnação temendo que outros venham aperticipar das afetuosas simpatias de que são ciosas. Pobres irmãos! O vosso afeto vos toma egoístas; o vosso amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e amigos, sendo-vos indiferentes os demais. Pois

²⁷ • Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. XI, item 8.

bem, para praticardes a Lei do Amor, tal como Deus a entende, preciso se faz chegueis passo a passo a amara todos os vossos irmãos indistintamente. A tarefa é longa e difícil, mas cumprir-se-á. Deus quer assim

H Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Cap. XI, item 9.

e a Lei do Amor constitui o primeiro e mais importante preceito da vossa nova Doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se dfnesente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de casa, de nacionalidade. Disse Jesus- Amai vosso próximo como a vós mesmos. Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita, a nação? Não, é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o vosso Planeta destinado a realizar em breve sensível progresso, verá seus habitantes, em virtude da transformação social por que passará, a praticar essa Lei sublime, reflexo da Divindade.

Os efeitos da Lei de Amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a Vida terrena. Os mais rebeldes e as mais iHciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito: Não façais aos outros o que não quiserdes que vos façam; fazei-lhes, ao contrário, todo o bem que vos esteja ao alcance fazer-lhes.

Não acrediteis na esterilidade e no endurecimento do coração humano; ao amor verdadeiro, ele, a seu mau grado, cede. ”

Sufocar o orgulho e o egoísmo com os recursos da humildade e da caridade que lhe são opostos, é tarefa impostergável.

Trabalhar o campo íntimo da alma, com afinco, tenacidade e desassombro, na certeza da imortalidade, aproveitando ao máximo as oportunidades palingenésicas, expandindo com vigor as fronteiras do Amor, é dever de todos nós.

*Assiste grande razão a Lázaro ao afirmar que *o Espírito precisa ser cultivado como um campo”. Em plena sintonia com tal assertiva, Joanna de Ângelis, através da abençoada mediunidade de Divaldo Franco ensina²⁸:*

“De certo modo a Alma humana é comparável ao solo comum. Trabalhada com afinco, converte-se em despensa de luz, atendendo a necessidades e aflições com moedas de generosidade espontânea. Desdenhada, transforma-se em charco lodacento, reduto de miasmas e de animais inferiores portadores de peste e morte, ou sarçal maldito onde repontam acúleos cruéis a ferirem indistintamente.

(...) Como rasgas o solo para transformá-lo em pomar, umedecendo-lhe as camadas, assistindo-o com fertilizantes e vigilância contra as pragas e o tempo, revolve as disposições da alma, atira as sementes do bem e desdobra cuidados para que as pragas e as condições do clima não te anulem o esforço na renovação íntima, em busca da inextinguível luz da felicidade plena. ”■

Trabalhem, assim, nas imensas glebas constituídas pelos lapsos palingenésicos,

²⁸ • Joanna de Ângelis/Franco, D.P. "Florações Evangélicas".

ensejando o eclodir e frutificar do Amor para que resplandeça a nossa luz como resplandeceu a luz do Cristo, Médiun de Deus por excelência.

O Indispensável Conhecimento da Reencarnação

“(■■■) A. reencarnação é a resposta para todas as ocorrências da Vida humana.”

Joanna de Ângelis

A reencarnação – expressão máxima da Justiça Divina – salta a todos os momentos das palavras de Jesus.

Não precisamos nem mencionar o diálogo explícito entre Ele e Nicodemos, nem atentar para a conversa entre Ele e os discípulos ao descerem o Monte Tabor quando entenderam estes através das informações d¹ Aquele que João Batista era Elias reencarnado, para concluirmos que a reencarnação é um fato insofismável, doa a quem doer.

Com as poderosíssimas e cristalinas lentes ofertadas pela formosa Doutrina dos Espíritos, relemos o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo em “espírito e verdade”, e, as gemas preciosas começam a ser joeiradas de sob as gangas das parábolas, dos sentidos figurados, ensejando vãos além da “letra que mata” elevando-nos para os acúmes do “espírito que vivifica”.

“De maneira nenhuma sairás dali (Terra) enquanto não pagares o último ceitel (débitos cármicos)

Ora, se nós não vamos sair da Terra enquanto não pagarmos até o último débito cármico, logicamente este raciocínio só poderá desaguar no estuário da reencarnação, de vez que todo dia morrem' pessoas cujos débitos não foram ressarcidos em sua totalidade. Retornam, então, em nova encarnação, ou melhor, em novas reencarnações até que paguem o “último ceitel”, esgotando – até à última gota – o cálice das expiações, equacionando, assim, suas situações de calcetas.

Não que estejamos submetidos a um fatalismo arbitrário e cego contra o qual de balde lutaremos, mas, existe um concatenamento de fatos, comandados por agentes invisíveis – inteligentes – que conduzem a fins específicos, determinados e adremente estabelecidos.

Absolutamente nada se opera no mundo que não obedeça a um princípio sábio e justo.

E, sendo assim, como é, sem exceção, a Vida de cada ser humano esta dimensionada pela Lei de Causa e Efeito, que é a manifestação da Justiça Divina através da reencarnação.

Destarte, os escolhos contra os quais tropeçamos na senda evolutiva tais como: falta de saúde, dificuldades financeiras, calhaus e espinhos ferintes, amargura e abandono, aflição íntima, solidão, percalços, adversidades de vária ordem, frustrações, embaraços de todos os matizes, preterições aparentemente injustas, encontram resposta na reencarnação.

. Cada situação amarga é o defrontar de. análoga dívida pretérita responsável pela

situação hodierna. A opção equivocada gera as conseqüências dolorosas.

Entendemos o seguinte com A. Herculano²⁹:

“(■■■■) Quando um espinho novo nos venha a lacerar a alma, trata-se apenas de um bálsamo purificador. Vem esvurmar uma empola má do nosso organismo espiritual, criada e medrada por maus sentimentos que nos animaram durante o nosso longo peregrinar na Vida” através dos tamises palingenésicos.

Não estranhemos, pois, as vicissitudes que fazem parte de nosso ‘carreiro evolutivo. Não podemos nos acreditar deserdados de Deus, que não permite jamais qualquer situação em nossa Vida que não coubesse dentro da Sua justiça – que é a Perfeita e Imarcescível Justiça Suprema. É imprescindível conhecer os mecanismos da Lei de Causa e Efeito que na reencarnação constituem eficientes manifestações de correção.

O conhecimento espírita faculta tal condição, possuindo característica de mudar para melhor a estrutura moral e emocional da criatura, a fim de que esta logre vencer os testes da evolução a que somos submetidos no processo natural de crescimento interior e aquisição de paz.

Se a semente se entregasse à reclamação estéril na cova solitária, jamais se transformaria na árvore exuberante e útil. Se o metal praguejasse contra a forja ardente, o malho e a bigorna, não poderia ser, empós, transformado em metal valioso e útil. Se a terra lamentasse o suplício do arado, não conheceria os resultados positivos da colheita farta.

Joanna de Ângelis leciona³⁰:

“Em vez da reclamação insensata, cabe ao homem corrigir o erro, quando disponha da ocasião e, em caso contrário, avançar, produzindo o melhor, graças ao que modificará os fatores e circunstâncias perniciosas.”

O conhecimento redonda em duplo corolário: é, — ao mesmo tempo — a libertação da ignorância e agente dinamizador da responsabilidade moral.

Não falece dúvida que é de nossa alçada o empenho de conduzir-nos para as leiras de trabalho no bem com Jesus a fim de que possamos nos alcandorar à condição de alforriados espirituais, emancipando-nos de vez das reencarnações dolorosas e aflitivas nos Mundos de Provas e Expições.

A melhor forma de lograrmos tal desiderato – ainda é e sempre será – eger o Evangelho de Jesus como “Vade-Mecum” e operar contínua e perseverantemente no Bem com Ele.

Escreveu Paulo aos Gálatas (6:9):

“Não nos desanimemos de fazer o bem, pois, a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos.”

Através da mediunidade de Raul Teixeira, André Fernandes canta:

“Tem fé por entre tormentos/A reencarnação é bênção/Que nos confere proventos.”

²⁹ * A. Herculano/Fernando de Lacerda “No País da Luz”. Vol. 3.

³⁰ • Joanna de Ângelis/Franco D. P. “Vigilância”. Cap. 4.

Ressurreição Segundo o Espiritismo

“E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da Vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação.”

Jesus (Jo., 5:29)

Ressurreição é ressurgimento.

Kardec explica³¹:

“A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus sob o nome de ressurreição. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As idéias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Criam eles que um homem que vivera podia reviver, sem saber precisamente de que maneira o fato poderia dar-se.

Designavam pelo termo ressurreição o que o Espiritismo, mais judiciosamente, chama reencarnação. Com efeito, a ressurreição dá idéia de voltará Vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo dispersos e absorvidos. A reencarnação é a volta da Alma ou Espírito à Vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra ressurreição podia assim aplicar-se a Lázaro, segundo- o entendimento Espírita e não a Elias cujo corpo físico não era o de João Batista. ”

Após brilhar a Grande Luz nas terras de Zabulom e Naftalí, a mensagem primitiva do cristianismo nascente foi sendo, através dos séculos substituída por rituais e atos exteriores que a sufocaram.

Na época em que o Cristianismo se materializava, perdendo-se em linhas de comportamento alienado, surge, por fim, Allan Kardec, acionando a razão, e o Espiritismo resgata o primoroso conteúdo da Mensagem do Meigo Zagal Celeste.

À luz da novel Doutrina dos Espíritos, podemos, portanto, vislumbrar claramente a reencarnação nas palavras de Jesus acima citadas no registro de João.

Consoante assertiva de Jesus ■ *“a cada um segundo as suas obras”* (Mt., 16:27) entendemos, com Allan Kardec que a ressurreição, é, em outras palavras, o processo através do qual ressurgiremos, no futuro, ao lado de nossas conquistas ou derrotas, na condição de herdeiros de nós mesmos...

Segundo Emmanuel³²:

. J As criaturas dedicadas ao bem encontrarão fonte da Vida em se banhando nas águas da morte corporal. Suas realizações do porvir seguem na ascensão justa, em correspondência direta com o

³¹ • Kardec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Cap. IV, item 4.

³² * Emmanuel/Xavier F. C. “Pão Nosso”. Cap. 127.

esforço perseverante que desenvolveram no rumo da espiritualidade santificadora, todavia, os que se comprazem no mal cancelam as próprias possibilidades da ressurreição na Luz.

Cumpra-lhes a repetição do curso expiatório. É a volta à lição ou ao remédio. Não lhes surge diferente alternativa.

A lei de retorno, pois, está contida amplamente nessa síntese de Jesus registrada por João.

(..) Haverá ressurreição para todos, apenas com a diferença de que os bons tê-la-ão em Vida nova e os maus em nova condenação, decorrente da criação reprovável deles mesmos."

Nada, porém, na fala de Jesus, autoriza ou chancela a condenação eterna, sem remissão.

Através das sucessivas oportunidades reencarnatórias, o Espírito vai — pouco a pouco — desfazendo-se da onerosa bagagem de equívocos até não mais necessitar sair para a ressurreição da condenação, e sim, para a ressurreição da Vida.

Os Insondáveis Elos das Transmigrações Palingenésicas

"(...) aquele que não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus. "

Jesus (Jo., 3:3)

Com o apoucamento das potencialidades do Espírito Imortal, em virtude de seu mergulho no corpo físico, assomam as perplexidades que não passam de simples corolários decorrentes dessa situação de exceção.

Na verdade, para a criatura que já se deixou mimetizar pelo conhecimento da formosa Doutrina dos Espíritos, a reencarnação, isto é, a permanência do Espírito ergastulado no casulo somático é uma situação transitória, exótica, de exceção, porque ele sabe que a Vida normal, a Vida verdadeira, é aquela que antecede e sucede à encarnação: A Vida Espiritual.

São tênues os laços que prendem o Espírito à matéria grosseira; podem partir-se a qualquer momento, libertando o degredado.

Uma vez reencarnados, passamos a rentear toda sorte de limitações e dificuldades, em nós e à nossa volta. Por quê?

Obviamente o processo evolutivo não se assemelha a um parto indolor. A ascensão espiritual requer esforço, luta, empenho, coragem, fé...

Léon Denis chama esse mergulho nos grosseiros tamises materiais de "eterno himeneu entre o Céu e a Terra, a infinita penetração da matéria pelo Espírito, a efusão crescente da Vida psíquica na forma em evolução. "

Nessas emigrações e imigrações constantes entre os dois Mundos, através dos renascimentos e das mortes, vai-se estabelecendo na Vida de cada um os patamares evolutivos, sempre vinculados às leis de Causa e Efeito e à Justiça Divina, pois não estamos sem norte nesse processo todo, vez que Deus, em Sua Infinita Misericórdia e Bondade nos

assiste a todos, ensinando-nos sempre a oportunidade de aprimoramento.

Percebemos, então, que, graças ao livre-arbítrio, somos nós mesmos os artífices de nosso destino. Recebemos de acordo com a direção que imprimimos em nossas Vidas. (Mt., 16:27.)

Afirma León Denis³³:

“As menores particularidades da nossa Vida registram-se em nós e deixam traços indelévels. Pensamentos, desejos, paixões, atos bons ou maus, tudo se fixa, tudo se grava em nós. Durante o curso normal da Vida, essas recordações acumulam-se em camadas sucessivas e as mais recentes acabam por delir aparentemente as mais antigas.

(...) A alma vem de Deus; é, em nós, o princípio da inteligência e da Vida. Essência misteriosa, escapa à análise, como tudo quanto dimana do Absoluto. Criada por amor, criada para amar, tão mesquinha que pode ser encerrada numa forma acanhada e frágil, tão grande que, com um impulso do seu pensamento, abrange o Infinito, a Alma é uma partícula da essência divina projetada no mundo material.

Desde a hora em que caiu na matéria, qual foi o caminho que seguiu para remontar até ao ponto atual da sua carreira? Preciso atravessar vias escuras, revestir formas, animar organismos que deixava ao sair de cada existência, como se faz com um vestuário inútil. Todos estes corpos de carne pereceram, o sopro dos destinos dispersou-lhes as cinzas, mas a alma persiste e permanece na sua perpetuidade, prossegue sua marcha ascendente, percorre as inumeráveis estações da sua viagem e dirige-se para um fim grande e apetecível, um fim que é a perfeição.

O objetivo da evolução, a razão de ser da Vida não é a felicidade terrestre, como muitos erradamente crêem, mas o aperfeiçoamento de cada um de nós, e esse aperfeiçoamento devemos realizá-lo por meio do trabalho, do esforço, de todas as alternativas da alegria e da dor, até que nos tenhamos desenvolvido completamente e elevado ao estado celeste. Se há na Terra menos alegria do que sofrimento, é que este é o instrumento por excelência da educação e do progresso, um estimulante para o ser, que, sem ele, ficaria retardado nas vias da sensualidade. A dor física e moral forma a nossa experiência. A sabedoria é o prêmio.

A teoria da evolução deve ser completada pela da percussão, isto é, pela ação das potências invisíveis, que ativa e dirige essa lenta e prodigiosa marcha ascensional da Vida do Globo. O Mundo Oculto intervém – em certas épocas – no desenvolvimento físico da Humanidade, como intervém, no domínio intelectual e moral pela revelação medianímica. Quando uma raça que chegou ao apogeu é seguida de uma nova raça, é racional acreditar que uma família superior de almas encarna entre os representantes da raça exausta para fazê-la subir um grau, renovando-a e moldando-a à sua imagem.

Emergir grau a grau do abismo da Vida para tornar-se Espírito, gênio superior; e isto por seus próprios méritos e esforços, conquistar o futuro hora a hora, ir-se libertando dia a dia um

³³ * “O Problema do Ser, do Destino e da Dor”. Cap. 8 e 9, 1ª parte.

pouco mais da ganga das paixões, libertar-se das sugestões do egoísmo, da preguiça, do desânimo, resgatar-se pouco a pouco das suas fraquezas, da sua ignorância, ajudando os seus semelhantes a se resgatarem por sua vez, arrastando todo o meio humano para um estado superior, tal é o papel distribuído a cada alma. Para desempenhá-lo, tem ela à sua disposição toda a série de existências inumeráveis na escala magnífica dos mundos. ”

Deus conhece todas as Almas que formou com o Seu pensamento e o Seu Amor. Sabe o grande partido que delas há de tirar mais tarde para a realização de Suas vistas. A princípio deixa-as percorrer vagarosamente as vias sinuosas, subir os sombrios desfiladeiros das Vidas terrestres, acumular pouco a pouco em si os tesouros da paciência, de virtude, de saber, que se adquirem na escola do sofrimento.

Mais tarde, enternecidas pelas chuvas e pelas rajadas da adversidade, amadurecidas pelos raios do Sol Divino, saem da sombra dos tempos, da obscuridade das Vidas inumeráveis e eis que suas faculdades desabrocham em feixes deslumbrantes; a sua inteligência revela-se em Obras que são como que o reflexo do Gênio Divino.

As imensas estradas do Infinito descortinar-se-ão à sua frente e, então, estarão aptas a colaborar em grande escala para a evolução e aprimoramento das almas retardatárias a fim de que possam elas também atingir os Páramos Celestes, a perfeição e felicidade inalienáveis, enfim...

Reencarnação e Religião

“Se a reencarnação não existisse, fora mister inventá-la para a felicidade do gênero humano. ”
(O Livro dos Espíritos. Questão 222.)

Por mais paradoxal que possa parecer, existem verdades que à primeira vista parecem inverossímeis.

“As maiores verdades estão sujeitas a parecer absurdos uma vez que se atenda à forma, ou se considere como realidade a alegoria. Compreendamos bem isto e não o esqueçamos nunca, pois que se presta a uma aplicação geral. ”

(O Livro dos Espíritos. Questão 480.)

“Se Jesus afirmou que nos emanciparíamos a partir do conhecimento da Verdade, (Jo., 8:32), por que ela não foi posta ao alcance de toda gente?”

(O Livro dos Espíritos. Questão 628.)

“Importa que cada coisa venha a seu tempo. A Verdade é como a luz: o homem precisa habituar-se a ela, pouco a pouco; do contrário, ele ficaria deslumbrado.

Jamais permitiu Deus que o homem recebesse comunicações tão completas e instrutivas como as que hoje são dadas. Havia na antiguidade alguns indivíduos possuidores do que eles próprios consideravam uma Ciência sagrada e da qual faziam mistério para os que, aos seus olhos, eram tidos por profanos. Pelo que conhecemos das leis que regem esses fenômenos, devemos compreender que esses indivíduos apenas recebiam algumas verdades esparsas, dentro de um

conjunto equívoco e, na maioria dos casos, emblemático. Entretanto, para os estudiosos, não há nenhum sistema antigo de filosofia, nenhuma tradição, nenhuma religião, que sejam desprezíveis, pois em tudo há germens de grandes verdades que, se bem pareçam contraditórias entre si, dispersas que se acham em meio de acessórios sem fundamento, facilmente coordenáveis se nos apresentam, graças à explicação que o Espiritismo dá de uma imensidade de coisas que até agora se nos afiguravam sem razão alguma e cuja realidade está hoje irrecusavelmente demonstrada. Não desprezemos, portanto, os objetos de estudo que esses materiais oferecem. Ricos eles são de tais objetos e podem contribuir grandemente para nossa instrução. |

Um sorriso zombeteiro escapa dos lábios daqueles que ainda não teceram ilações mais profundas acerca da palingenesia, quando tal assunto vem à baila. A muitos repugna a idéia de voltar ao atormentado prosclênio terrestre para sofrer-lhe as vicissitudes e injunções. Malgrado as objeções dos adversários da insofismável realidade que é a reencamação, reencamaremos sempre, até atingirmos o nível onde este processo evolutivo será dispensado. Isto é simples questão de lógica. Raciocinemos partindo das premissas de que Deus é infinitamente Bom e Justo e que os desníveis e desigualdades entre Suas criaturas são variados e imensos. Com este raciocínio chegaremos à conclusão de que é preciso algo que concilie situações tão desencontradas (aparentemente).

Aí desembocamos – fatalmente – no amplo delta da reencamação, único meio de clarear os múltiplos problemas de ordem moral, filosófica e material.

Inicialmente, consideremos as coisas do ponto de vista de quem não tem noção da existência dos Espíritos. Coloquemo-nos numa bifurcação e vejamos qual caminho a tomar: de um lado a estrada da pluralidade das existências, de outro a estrada da unicidade da existência. Analisemos, fazendo mesmo abstração dos Espíritos, colocando-nos num terreno neutro. Vejamos qual estrada nos levará a melhores opções. Para isto, nos socorremos das instruções que os Espíritos Superiores deram a Allan Kardec³⁴:

Se não há reencamação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e esse estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia antes do corpo ou não existia.

Se existia, qual a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1ª – Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez

³⁴* Ksrdéc, A. "O Livro dos Espíritos". Questão 222.

adquirir? 2ª - Donde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou mediócras durante a Vida toda? 3ª - Donde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas que noutros não existem?

4ª - Donde em certas crianças o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixeza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5ª - Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6ª - Porque há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver esses problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria deterá responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às imperfeições físicas. Se as almas são desiguais, é que Deus as criou assim. Nesse caso, porém, porque a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas as Suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série progressiva de existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: são mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a Vida da alma, o que os anos são para a do corpo.

(...) Deus, em Sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, as desigualdades que notamos nada mais apresentam em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A esse raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica.

Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

(...) Segundo o Espiritismo - cuja amplitude excede a tudo que se conhece - não há muitas espécies de homens, há tão-somente homens cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais de acordo com a Justiça de Deus?

”

”Como pode um homem nascer já estando velho? Porventura pode tomar a entrar no ventre de sua mãe e nascer?” Qo., 3:4)

A perplexidade de Nicodemos ante a insofismável afirmação do Mestre sobre a reencarnação é a perplexidade de quantos ainda não entenderam os sábios desígnios da Justiça Divina, acionados pelos mecanismos da palingenesia.

A Aliança da Ciência com a Religião trará superlativos esclarecimentos para a Humanidade sobre os mecanismos da existência em ambos os planos da Vida: corporal e espiritual.

No livro "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Capítulo 1, item 8, lemos o seguinte:

"São chegados os tempos em que os ensinamentos do Cristo têm de ser completados; em que o véu intencionalmente lançado sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo concurso. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo opor mais a irresistível lógica dos fatos."

4 Da : Comunicabilidade dos Espíritos

“Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?”

“Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.”
(O Livro dos Espíritos. Questão 459.)

“Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. ”

“A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. ”
(O Evangelho Segundo o Espiritismo. Cap. XXVI, itens 7 e 10)

As Mil Armadilhas da Mediunidade

‘Grande erro comete o médium experimentado ao crer-se dispensado de qualquer instrução mais, porquanto apenas terá vencido uma resistência material. ’

Allan Kardec³⁵

Quando o médium atinge a plenitude de seu desenvolvimento mediúnico é que começam as verdadeiras dificuldades. É o momento em que ele mais precisa dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil armadilhas que lhe vão ser preparadas. Se pretender muito cedo voar com suas próprias asas, não tardará a ser vítima de Espíritos mentirosos, que se não descuidarão de lhe explorar a presunção.

Essa é uma observação de Kardec de que ninguém pode descurar. Ai do médium que se isola por suscetibilidades pueris. Mais depressa do que pensa, cairá nas redes estendidas pela maldade dos inimigos da Luz e, sem o perceber, o ridículo passará a pautar seus atos e palavras.

Afirma E rasto³⁶:

“(…) Os maus médiuns, os que abusam, ou usam mal de suas faculdades, experimentarão tristes conseqüências, conforme já se tem dado com alguns. Aprenderão à própria custa o que resulta de aplicarem no interesse de suas paixões terrenas, um dom que Deus lhes outorgara unicamente para o adiantamento moral deles.”

No capítulo dezesseis de *“O Livro dos Médiuns ”*, Allan Kardec expõe fartamente as diversas qualidades de médiuns.

Sócrates recomenda a leitura atenta desse capítulo, (se não fosse a mediunidade, como Sócrates poderia recomendá-la?) como o estudo acurado da *Escala Espírita* como profilaxia ideal para preservarmo-nos dos escolhos a que nos expomos quando da prática mediúnica. Ao mesmo tempo, o estudo desses dois assuntos é de grande importância não só para os médiuns sinceros e devotados, mas para todas as pessoas que amam a formosa Doutrina dos Espíritos, vez que esses dois quadros reúnem todos os princípios do Espiritismo e contribuirão, mais do que podemos

³⁵ • Kardec, A. "O Livro dos Médiuns". Cap. XVII, 216.

³⁶ H Kardec, A. "O Livro dos Médiuns". Cap. XVI, 197.

supor, para trazê-lo ao verdadeiro caminho.

Finalmente, completa o Mestre Lionês³⁷:

“Uma vez desenvolvida a faculdade mediúnica, é essencial que o médium não abuse dela. O contentamento que daí advém a alguns principiantes lhes provoca um entusiasmo que muito importa moderar.

Devem lembrar-se de que ela lhes foi dada para o bem e não para satisfação de vãos propósitos ou curiosidade. Convém, portanto, que só se utilizem dela nas ocasiões oportunas e não a todo o momento. Não lhes estando os Espíritos ao disporá toda hora, correm o risco de serem enganados por mistificadores. Bom é que, para evitarem esse mal, adotem o sistema de só trabalhar em dias e horas determinados, porque assim se entregarão ao trabalho em condições de maior recolhimento e os Espíritos que os queiram auxiliar, estando prevenidos, se disporão melhor a prestar esse auxílio.”

Sob pena de perder ou ter a faculdade mediúnica suspensa, é bom que os médiuns atentem sempre para as ilustrações contidas na Codificação de Allan Kardec, especialmente em “O Livro dos Médiuns”, e, em hipótese alguma, releguem ao olvido a bi-milenar recomendação do “Discípulo Amado” (1 Jo., 4:1):

“Amados, experimentai se os Espíritos são de Deus.”

Interações Parapsíquicas

“A mediunidade é a sementeira do Senhor, em que nos cabe servir, concretizando-Lhe o plano celeste de redenção.”

Emmanuel

Milhares de criaturas penam sob o guante de terríveis obsessões, sem sequer imaginar que estão recebendo induções magnéticas de entidades inimigas e infelizes.

O Espiritismo esclarece de forma definitiva as condições em que funcionam os mecanismos desse sutil intercâmbio de vibrações, ensejando-nos conhecimentos indispensáveis para a nossa defesa e aproveitamento desse potencial como fator de evolução.

Entendendo os mecanismos da mediunidade e as leis que regem os mesmos, poderemos haurir das inesgotáveis fontes espirituais os recursos e subsídios adequados ao nosso aprimoramento.

O exercício mediúnico deverá processar-se dentro dos padrões de segurança apregoados por Allan Kardec em “O Livro dos Médiuns”. E uma das questões que não se pode subestimar é a integridade moral de quantos se prestam a tais atividades.

A “sintonia” com os Invisíveis vincula-se à reciprocidade vibracional de cada um. Assim, estaremos sempre em contacto com os Espíritos que “vibram” em nossa faixa de sintonia.

Sendo, pois, a mediunidade excelente porta de acesso dos Espíritos situados no Mais

³⁷ • Kardec, A. “O Livro dos Médiuns”. Cap. XVII, item 217.

Além, com os humanos ainda no corpo físico, o que se faz passível de atenção e cuidados será, exatamente, o traço moral da Vida daqueles que atuam na mediunidade.

Em amorável página mediúnica, Camilo envia até nós, pela psicografia de J. Raul Teixeira, o roteiro a ser seguido por toda criatura que sentir o potencial mediúnico em expansão na intimidade do ser³⁸:

“(...) Não te recuses, nem lamentes, quando lograres os registros paranormais, por meio dos teus próprios recursospsíquicos, concitando-te à assunção das responsabilidades pequenas ou amplas na área da mediunidade.

Abre-te feliz e devotado, ao serviço do Bem com o qual possa cooperar. Não te lances à prática estridulante e torva. Mas, põe-te a estudar, com afinco, na busca da maior compreensão dos fenômenos que se dão contigo, quanto à tua volta.

Enquanto estudas a teoria que envolve o processo, não te esqueças de estudara ti mesmo, teus hábitos mais íntimos, teus gostos mais imperceptíveis, teu espectro de humor, capazes de interferir, de modo feliz ou infeliz, de conformidade com o teor e o sentido que imprimes a esses hábitos, gostos e humores.

Quando chamado à prestação de serviços pelos caminhos da mediunidade, inicia a marcha pela vigilância que exercitarás em todos os momentos da tua existência.

Se, no estuário da Juventude, o apelo mediúnico te chega, não lamentes a perda da folgança, supostos da idade. Mantém-te, alegre e prazenteiro, guardando-te, inobstante, no bojo da responsável conduta, que não deixará que te percas pelos dédalos das loucuras que são próprias não da mocidade, porém, de todos os indivíduos estúrdios e irrefletidos, em qualquer faixa etária em que estejam.

Não te imagines impossibilitado de tecer os sonhos de ventura doméstica, no âmago do matrimônio, antecipado do noivado doce dos entendimentos. Entretanto, se abraças os tentames da mediunidade com Cristo, cuida-te para que não ie deixes assediado pelos torpores das forças genésicas deseducadas, que, ao invés dos sonhos harmoniosos, poderão conduzir-te a pesadelos de frustração e dissabores sem retomo.

Conviverás com os amigos e companheiros de tua época, vivendo a moda no que tenha de descontraído e digno. Contudo, resguarda-te na cautela para que não mergulhes nos valões da depravação moral ou da impudícia, em nome da idade jovem, nem cedas às invenções do vestuário torpe que, além de te fazer ridícula figura, ajustar-te-á às sintonias com Entidades burlescas que te explorarão

Rot/trio CoefTw

a inexperiência para que te deprimas e não consigas servir nobremente à Seara da Luz.

Convocado ao ministério relevante das interações parapsíquicas, não te atormentes diante do impositivo de renunciarestes aos maus costumes, às banalidades e conversas vãs, aos vícios materiais e

³⁸ * Camilo/Teixeira, J. Raul “Cântico cia Juventude”. Cap. 24.

morais, aos folguedos perfeitamente dispensáveis, porque cansativos e inúteis, certo de que carecerás da mente o mais límpida possível, necessitarás dos dispensamentos os mais educados possíveis, almejarás a paz íntima, a fim de comungares com os Nomes abençoadores que te procurarão a antena mediúnica, afastando-te das frequências abastardadas dos maus e perturbadores. ”

Para não cairmos nas tredas articulações dos inimigos da Luz, faz-se mister perseverante e acurado estudo do “vade-mecum” dos médiuns, organizado por Allan Kardec em parceria com os Maiores da Espiritualidade: “O Livro dos Médiuns”.

Segundo Emmanuel,

“Mediunidade é talento do Céu, para o serviço de renovação do mundo. Lâmpada, que nos cabe acender, aproveitando o óleo da humildade, é indispensável nutrir com ela a sublime luz do amor, a irradiar-se em caridade e compreensão, para todos os que nos cercam

Inexaurível Laboratório de Observações

Arrebentando as lápides tumulares, as Vozes do Infinito desparzem luzes de esperança, sensibilizando os que ainda se agitam nas melas e espinheirais terrenos rogando orientação e arrimo para os próprios passos. ”

Camilo³⁹

Em “O Livro dos Médiuns” no capítulo vinte e nove da segunda parte, onde Allan Kardec trata dos assuntos referentes às reuniões e sociedades espíritas, encontramos algumas instruções invulgarmente importantes para todos os que – pretendendo instruir-se adequadamente – lançam as sondas da perquirição e do estudo no intrincado e complexo Mundo Espiritual.

Sob pena de sofrermos revezes de vária ordem, jamais poderemos adentrar na delicada e complexa área da comunicabilidade com os Espíritos sem uma substanciosa bagagem doutrinária sedimentada em extenuantes estudos dos livros básicos do Espiritismo, bem como na acurada leitura de obras subsidiárias sérias da lavra de André Luiz, Manoel P. de Miranda, Dr. Bezerra de Menezes e outros luminares das letras espíritas de ambos os planos da Vida.

O Espiritismo prático está inçado de escolhos. Para sobrepormo-nos a eles, tal estudo torna-se vital, indispensável; é mesmo condição “sine-qua-nori”.

Inicialmente há que se examinar – com muito cuidado – as condições dos encarnados que formarão a equipe para o intercâmbio mediúnico. Terão eles que preencher algumas condições básicas indispensáveis, quais sejam⁴⁰:

- *Perfeita comunhão de vistas e de sentimento;*

³⁹ • CamHo/Teixeira, J. Raul. “Vozes do Infinito”.

⁴⁰ • Kardec, A. “O Livro dos Médiuns”. Cap. XXIX, item 341, 2¹ parte.

- *Cordialidade recíproca entre os membros;*
- *Ausência de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;*
- *Um único desejo: o de se instruírem e melhorarem, por meio dos ensinamentos dos Espíritos e do aproveitamento de seus conselhos. Quem esteja persuadido de que os Espíritos Superiores se manifestam com o fito de nos fazerem progredir, e não para nos divertirem, compreenderá que eles necessariamente se afastam dos que se limitam a lhes admirar os estilos, sem nenhum proveito tirar daí, e só se interessam pelas sessões, de acordo com o maior ou menor atrativo que lhes oferecem, segundo os gostos particulares de cada um deles;*
- *Exclusão de tudo o que, nas comunicações pedidas aos Espíritos, apenas exprima o desejo de satisfação da curiosidade;*
- *Recolhimento e silêncio respeitosos, durante as confabulações com os Espíritos;*
- *União de todos os assistentes, pelo pensamento, ao apelo feito aos Espíritos que seguem evocados;*
- *Concurso dos médiuns da assembléia, com isenção de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de supremacia e com o só desejo de serem úteis. ”*

Há que se examinar, também, se o desejo que impulsiona os integrantes da equipe não está mesclado de vãs curiosidades e sim onusto de intenções claras e objetivas de se esclarecerem.

Ensina Léon Denis⁴¹:

“(…) A união de pensamentos é necessário acrescentar a união dos corações. Quando reina a antipatia entre os membros de um grupo, a ação dos Espíritos elevados se enfraquece e aniquila.

Para obter sua intervenção assídua é preciso que a harmonia moral, mãe da harmonia fluídica se estabeleça nos corações, e que todos os adeptos se sintam na conjunção de esforços por alcançar um objetivo comum, ligados por um sentimento de benévola cordialidade”.

A limitação do número dos integrantes da equipe é algo que também não pode ser descuidado, a fim de evitar-se a intromissão de elementos heterogêneos que levariam as reuniões a resultados pouco proveitosos.

Os grupos pouco numerosos e de composição homogênea são os que reúnem as maiores probabilidades de êxito. Se já é difícil harmonizar as vibrações de cinco ou seis pessoas entre si e com os fluidos do Espírito, é evidente, a fortiori, que as dificuldades aumentem com o número dos assistentes. É prudente não exceder o limite de dez a doze pessoas, de um ou outro sexo. ”

Por fim, a meditação e estudos aprofundados das comunicações dos Espíritos, – que são fontes inesgotáveis de assuntos — constituirão importantes meios de instrução para os integrantes das equipes de ambos os planos da Vida.

Pascal dá um recado para os médiuns*:

⁴¹ • Denis, L. “No invisível”. Cap. IX, 1ª parte.

“Que dentre vós, o médium que não se sinta com forças para perseverar no ensino Espírita, se abstenha; porquanto não fazendo proveitosa a luz que ilumina, será menos escusável do que outro qualquer e terá que expiar sua cegueira.”

Aí estão os pontos que devem merecer a máxima atenção dos grupos realmente sérios, dos que mais cuidam de instruir-se, do que de achar um passatempo.

Karlec, A. “O Livro dos Médiuns”. Cap. XXXI, item 13.

Princípios Básicos do Espiritismo

Parlamento das Vozes do Infinito

“Se os meus discípulos se calarem, as pedras falarão.”

Jesus (Lc., 19:40)

Compreendendo a Imortalidade da Alma e demitizando o decesso corporal, escreve Paulo⁴²:

“Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. Tragada foi a morte. Onde está ó morte, o teu aguilhão? Onde está ó inferno, a tua vitória?” Acrescenta Augusto Silva⁴³:

“(…) O Espiritismo decifrou o enigma da imortalidade, destronando a morte – a Rainha do Silêncio – substituindo-a, no longo carreiro dos pretensos mistérios, pelo Parlamento das Vozes do Infinito.

As manifestações mediúnicas prosseguem, na demonstração da Inteligência que na carne viveu; todavia, como todos os influxos do progresso planetário, a aceitação de semelhante verdade é lenta e gradativa.” Em exuberante arroubo poético, exclama Camilo⁴⁴:

“(…) Arrebentando as lápides tumulares, e, semelhantes a estrelas vigorosas, desparzindo luzes de esperança por sobre as cabeças esfogueadas das criaturas, um pugilo de nobres Mensageiros cantam as excelências da Vida maior, como Vozes do Infinito, sensibilizando os que ainda se agitam nas vielas e espinheirais terrenos, rogando orientação e arrimo para os próprios passos.”

Em um alvissareiro discurso diz o Espírito da Verdade⁴⁵:

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do Seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra, e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

(…) As grandes Vozes dos Céus ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam.”

O Mundo Corpóreo e o Mundo Espiritual interagem, interpenetram-se, recebendo, em regime de reciprocidade, a conseqüência de tudo que se passa em um e outro.

⁴² * I Coríntios, 15:53-55

⁴³ ** Augusto Silva/Vieira, W. “Seareiros de Volta”. FEB.

⁴⁴ *** Camilo/Teixeira J. R. “Vozes do Infinito”. FRÁTER.

⁴⁵ • Karlec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Prefácio.

Assim, o principal corolário das manifestações mediúnicas que desvelam os panoramas do Mundo Maior é levar as criaturas à compreensão da *“necessidade do bem recíproco por afirmações do Amor puro, de vez que a obra infeliz desce à sepultura com o Espírito que a perpetrou, atenuando-lhe o cerne, na forja do arrependimento póstumo, e obrigando-o a doloroso trabalho para expungir-lhe os efeitos.*

O Amor vivido, instante a instante, tudo consegue, reerguendo almas, retificando destinos e refazendo ambientes.”

Augusto Silva conclui com segurança⁴⁶:

“(…) Eis por que Jesus constitui a porta sempre aberta de nossa libertação, pois o Evangelho Redivivo – fulgurante Sol – dissipa, com luz imorredoura, a noite de trevas e a miragem de ilusões coaguladas à nossa frente, e enxuga, com blandicioso calor, o orvalho de lágrimas e as gotas de sangue que nos encharcam o caminho das provações necessárias, no rumo das vitórias Eternas. ”

Agora, com o Espiritismo iluminando nossa noite existencial, finalmente podemos compreender a bimilenária afirmação Messiânica (Jo., 8:51.):

“Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardara minha palavra, nunca verá a morte “.

Mediunidade com Jesus

“Nos últimos tempos, diz o Senhor, difundirei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e filhas profetizarão; vossos jovens terão visões e vossos velhos sonhos. Nesses dias, difundirei do meu espírito sobre os meus servidores e servidoras, e eles profetizarão. |

(Atos, 2:17 e 18)

Segundo o Dr. Ignácio Ferreira⁴⁷,

*“(…) A mediunidade é ponte de serviço, pela qual chegaram à Terra as informações do mundo espiritual, ensejando a Allan Kardec a **construção** da incomparável Obra que legou à Humanidade como patrimônio indestrutível para os tempos do futuro. No entanto, não é imprescindível para a preservação da Doutrina, que a dispensa, sendo o seu exercício, sem a prudência e orientação do Espiritismo, sempre um risco de imprevisíveis conseqüências para o seu usuário, assim como para todos aqueles que compartilham das experiências sem controle. **

Não falece dúvida que mediunidade “de mãos dadas” com a presunção será sempre desastre à vista, mas conjugada à humildade, toma-se-indiscutivelmente – uma ponte luminosa e abençoada a ligar os dois planos da Vida.

Não há nada neste mundo que não se preste ao abuso do homem, e a mediunidade não constitui exceção à regra.

Os fenômenos mediúnicos eclodem em todos os lugares, mas somente nos arraiais

⁴⁶ • Augusto Silva/Vieira W. “Seareiros de Volta”. FEB.

⁴⁷ * Manoel P. Miranda/Franco D. P. “Tormentos da Obsessão”. LEAL.

espiritistas podem ser transformados em ingredientes de alforria espiritual, porta de libertação para encarnados e desencarnados, medicação, consolo e roteiro seguro para a romagem terrestre. Daí o valor inestimável da conclamação do Espírito de Verdade: *“Espíritas, amai-vos; espíritas, instruí-vos”*.

Aliada ao amor incondicional e à instrução adequada, a mediunidade se transforma num portal de luz entre o plano material e o espiritual...

Temos, portanto, no Espiritismo, a grande Escola onde as almas se adestrarão no Amor e no Conhecimento para os misteres mediúnicos produtivos.

O primeiro bom serviço que podemos prestar ao Espiritismo sério é desacreditar – onde quer que se manifeste – a mediunidade interesseira.

“Dar de graça o que gratuitamente recebemos” é uma frase lapidar que devemos ter sempre em mente, vez que se aplica maravilhosamente bem ao Espiritismo prático.

Aprendemos com Allan Kardec⁴⁸:

A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros das feiras e quem quer que pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exhibir em público, está no caso de ser com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitador. Assim se entenda todas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de Espiritismo, ou de Espiritualismo, a tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que compram ao entrar.

Resta o que se poderia chamar as tramóias do amador, isto é, as fraudes inocentes de alguns gracejadores de mau gosto. Podem, sem dúvida, ser praticadas, à guisa de passatempo, em reuniões levianas e frívolas, porém, jamais em assembléias sérias, onde só se admitam pessoas sérias. Aliás, a quem quer que seja é possível dar-se a si mesmo o prazer de uma mistificação momentânea; mas, seria preciso que uma pessoa fosse dotada de singular paciência, para representar esse papel por meses e anos e, de cada vez durante horas consecutivas. Só um interesse qualquer facultaria essa perseverança, mas o interesse, repetimo-lo, dá lugar a que se suspeite de tudo.

Dir-se-á, talvez, que um médium, que consagra todo o seu tempo ao público no interesse da causa, não o pode fazer de graça, porque tem que viver. Mas, é no interesse da causa, ou no seu próprio, que ele o emprega? Não será, antes, porque vê nisso um ofício lucrativo? A tal preço, sempre haverá gente dedicada. Não tem, então, a seu dispor senão essa indústria? Não esqueçamos que os Espíritos, seja qual for a sua superioridade ou inferioridade, são as almas dos mortos e que, quando a moral e a religião prescrevem como um dever que se lhes respeitem os restos mortais, maior é ainda a obrigação para todos de lhes respeitarem o Espírito.

(...) Cumpre não olvidar que as manifestações físicas, tanto quanto as inteligentes, Deus só as permite para nossa instrução.

⁴⁸ j Kardec, A. 'O Livro dos Médiuns'. Cap. XXVII, itens 308/323, 2* parte.

(...) Não ignoramos que a nossa severidade para com os médiuns interesseiros levanta contra nós todos os que exploram, ou se vêem tentados a explorar essa k nova indústria, fazendo-os, bem como de seus amigos, que naturalmente lhes esposam a opinião, encarniçados inimigos nossos. Consolamo-nos com o nos lembrarmos de que os mercadores expulsos do templo por Jesus também não O viam com bons olhos. Temos igualmente contra nós os que não consideram a coisa com a mesma gravidade. Entretanto, julgamo-nos no direito de ter uma opinião e a emití-la. A ninguém obrigamos que a adote. Se uma imensa maioria a esposou, é que aparentemente a achou justa; porquanto, não vemos com efeito, como seprovaria que não há mais facilidade de se encontrarem a fraude e os abusos na especulação do que no desinteresse.

(...) Todo médium que fosse apanhado em manejos fraudulentos; que fosse flagrado -para me servir de uma expressão um tanto trivial - "com a boca na botija", mereceria ser proscrito por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para os quais constituiria rigoroso dever desmascará-los.

(...) A melhor garantia da seriedade do médium repousa em sua notória moralidade e na ausência de todas as causas de interesse material, ou de amor-próprio, capazes de estimular-lhes o exercício das faculdades mediúnicas que possuam, porquanto essas mesmas causas poderiam induzi-los a simular as de que não dispõem. "

Oportuno alinharmos para nossas elucubrações, os ponderosos argumentos do Mestre Lionês exarados no livro terceiro da Codificação Espírita⁴⁹:

"Quis o Senhor que a luz se fizesse para todos os homens e que em toda parte penetrasse a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse obter a prova da Imortalidade. Com esse objetivo é que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra, e a mediunidade se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens como nas mulheres, nas crianças como nos velhos. É um dos sinais de que chegaram os tempos preditos.

(...) Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos, a fim de o encaminharem para a senda do bem, e não para o poujxiem ao trabalho material que lhe cumpre executar neste mundo, tendo por meta o seu adiantamento, nem para lhe favorecerem a ambição e a cupidez. A têm os médiuns o de que devem comjxnetrarse bem, para não fazerem mau uso de suas faculdades. Aquele que, médium, entende a gravidade do mandato de que se acha investido, religiosamente o desempenha. Sua consciência lhe profligaria, como ato sacrílego, utilizar por divertimento e distração, para si e para outros, faculdades que lhe são concedidas para fins sobremaneira sérios e que o põem em comunicação com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensino dos Espíritos, têm os médiuns de desempenhar importante papel na transformação moral que se opera. Os serviços que podem prestar guardam proporção com a boa diretriz que imprimem às suas faculdades, porquanto os que enveredam por mau caminho são

⁴⁹ Kardec, A. "O Evangelho Segundo o Espiritismo". Cap. XXVIII, item 9.

mais nocivos do que úteis à causa do Espiritismo. Pela má impressão que produzem, mais de uma conversão retardam. Terão, por isso mesmo, de dar contas do uso que hajam feito de um dom que lhes foi concedido para o bem de seus semelhantes.

O médium que queira gozar sempre da assistência dos bons Espíritos tem de trabalhar por melhorar-se. O que deseja que a sua faculdade se desenvolva e engrandeça tem de se engrandecer moralmente e de se abster de tudo o que possa concorrer para desviá-la do seu fim providencial.

Se, às vezes, os Espíritos bons se servem de médiuns imperfeitos, é para dar bons conselhos, com os quais procuram fazê-los tomar a estrada do bem.

Se, porém, topam com corações endurecidos e se suas advertências não são escutadas, afastam-se, ficando livre o campo aos maus.

Prova a experiência que, da parte dos que não aproveitam os conselhos que recebem dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem revelado certo brilho durante algum tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, na verbiagem ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Conseguir a assistência destes, afastar os Espíritos levianos e mentirosos, tal deve ser a meta para onde convirjam os esforços constantes de todos os médiuns sérios. Sem isso, a mediunidade se toma uma faculdade estéril, capaz mesmo de redundar em prejuízo daquele que a possua, pois pode vir a ser causa de perigosa obsessão.

O médium que compreende o seu dever, longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque as sabe independentes do seu mérito pessoal; agradece a Deus o haver consentido que por seu intermédio bons Espíritos se manifestassem. Se dão lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece no seu íntimo que não foi um instrumento bom e que não dispõe de todas as qualidades necessárias a obstar a imiscuência dos Espíritos atrasados. Cuida, então, de adquirir essas qualidades e suplica, por meio da prece, as forças que lhe faltam. ”

Jamais poderemos olvidar as palavras do também inesquecível “Bom-Senso-Encarnado”⁵⁰:

“A mediunidade é coisa santa, e deve ser praticada santamente. ”

Com seu coração amoroso, ensina o Dr. Bezerra de Menezes⁵¹:

“(…) Para muitos companheiros menos avisados, aí na Terra, mediunidade significa martirologio.

Entretanto, é glorioso caminho de resgate espiritual, com sublime ascensão para os cimos da Vida. É luz para a penetração no vale das sombras, consolo para derramar bênçãos renovadoras na noite do sofrimento.

⁵⁰ •Karclec, A. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. XXVI, item 10.

⁵¹ ** Dr. Bezerra de Menezes/Xavier F. C. “Bezerra, Chico e Você”. Cap. 32.

Claro que são indispensáveis a coragem e a fé viva, a esperança e o valor moral a fim de prosseguir caminho afora.

A estrada permanece repleta de espinhos e a floresta, em tomo, é sempre ameaçadora. Todavia, meus filhos, como se verificaria a conquista de espaços novos sem o desassombro dos que preferem as angústias da frente?

Conhecemos de perto as vigílias e as inquietações dos trabalhadores féis do Senhor no campo do mundo.

Às vezes, sozinhos com a prece, interrogam a esmo o porquê de semelhante tarefa, extenuados ante as lutas.

Por toda a parte o combate, o atrito, a incompreensão... Mas é imprescindível recordemos Aquele Divino Médico que se afirmou mensageiro para os doentes e não emissário para os sãos. Aquele que foi igualmente peregrino sagrado do bem na floresta do mal e que amou até a cruz, no sacrifício supremo.

Sem o Cristo no coração, é impossível servir coma Eternidade. Só Ele é suficientemente grande para arrebatá-nos a pequenez em que temos vivido; apenas Ele possui bastante amor para satisfazer-nos a sede espiritual.

Liguemo-nos a Jesus como lâmpadas à usina vigorosa. Sem essa operação é difícil transitar nos carreiros empedrados da Terra."

Segunda Parte Sorrisos Iniciais, Tragédias Culminativas

Capítulo I, 137 Capítulo II, 140 Capítulo III, 143 Capítulo IV, 148 Capítulo V, 153 Capítulo VI, 158 Capítulo VII, 168
Capítulo VIII, 179 Capítulo IX, 184 Final, 190

Pequeno ensaio romanceado realçando os pontos básicos do Espiritismo

Introdução

O Evangelho que Jesus, o Emissário Divino, trouxe à Terra em nome do Pai Celestial, é o maior repositório de sabedoria capaz de imunizar-nos contra os sofrimentos de vários matizes, gerados pela ignorância das Leis Divinas que regem a Vida no Universo.

Quem se deixa permear por suas alcandoradas e peregrinas claridades, jamais plantará as sementes de aflições que - na atualidade 1 - pungem incontáveis magotes de corações invigilantes.

A Lei de Causa e Efeito - cobradora implacável - pune invariavelmente o Espírito calceta, tanto quanto plenifica de bênçãos todos que transformam o Evangelho do Senhor no "vade-mecum" de suas Vidas.

O Meigo Zagal Celeste foi muito explícito ao afirmar que “cada um receberá de acordo com as suas obras”, conforme o exarado no registro de Mateus, capítulo dezesseis, versículo vinte e sete...

Esta é a história de algumas criaturas que, embora com largos descortinos na área da intelectualidade, ainda se deixavam aprisionar pelos asfixiantes e coercitivos tentáculos da sexualidade irresponsável, escorregando em direção do fundo poço da rebeldia, pagando, por isso, altos tributos às sacrossantas Leis de Deus pelas defecções perpetradas.

Inteiremo-nos dos dramáticos desdobramentos desses fatos que marcaram indelevelmente o destino desses seres, algemados à colheita obrigatória de uma sementeira livre, porém irresponsável e descuidada e, examinemos nosso posicionamento frente à Vida, hodiernamente, auscultando com imparcialidade e atenção as mais esconsas anfractuosidades d'Alma, a fim de averiguarmos se podemos identificar algumas sementes de aflição que porventura estejamos a ponto de esparzir nas glebas de nossos destinos!...

Capítulo I

Naquela quadra do ano, a neve caía forte, cobrindo com seu manto frio e branco toda a paisagem, obrigando as pessoas a procurarem o aconchego das lareiras, evitando, assim, as ruas inóspitas, gélidas, vazias...

Veza por outra, o monótono trotar de alguns cavalos puxando uma carruagem quebrava o pachorrento silêncio daquelas álgidas noites parisienses. A merencória e baça luz da lua parecia transformar em prata fundida os extensos vales que se esparramavam pela região, antes regurgitantes de verde e Vida...

A imensa “Notre Dame” estava sendo erguida às margens do Sena, e o século XIII marcaria o início de intensos e cruentos dramas passionais, como sói acontecer na órbita existencial das criaturas invigilantes e distanciadas dos alevantados ensinamentos que o Meigo Pegureiro trouxe à Terra há dois mil anos.

“Notre Dame” apresentava-se tal qual um monumento erguido como proscênio à vaidade humana e à incontida ânsia de dominação muito mais do que para levar as claridades do Mais Alto aos corações sofredores.

As criaturas que deveriam pautar o comportamento pelas diretrizes d'Aquele que diziam representar, cometiam toda sorte de despautérios e as mais torpes arbitrariedades nos bastidores clericais.

O poder e a dominação horizontais seguravam as rédeas frouxas das ambições soezes. As Vidas ingênuas que gravitavam na órbita dessas “autoridades” eram submetidas ao talante da lascívia, da maldade, do barajo e cutelo...

Dentre os inúmeros padres que prestavam serviço em Paris àquela época, destacava-se a figura marcante de padre François Rolin. Jovem, caminhando para a maturidade, era

formoso e possuía superlativos recursos intelectuais. Seu verbo, algumas vezes inflamado, outras vezes suave, modelado por imensa facilidade de expressão, causava admiração e não havia quem não se deixasse convencer pelos seus torneios de eloquência.

Extremamente confiante em sua inteligência privilegiada, percebeu que seu poder de persuasão poderia proporcionar-lhe mais emoções na monótona Vida monástica.

Embora a princípio, tenha se interessado sinceramente pelo estudo das questões de ordem filosófica, conquistando imenso cabedal de cultura, já não se comprazia em esgrimir tal acervo de conhecimento com o qual pulverizava quaisquer antípodas, anelando, inconscientemente por outro tipo de emoção que falasse mais de perto às carências que dia-a-dia se avolumavam.

Era, até então, um excelente trabalhador das hostes clericais, sendo-lhe confiada uma importante região da cidade de Paris, onde deveria exercer seu ministério. Ocupava, sem dúvida, uma posição de destaque entre seus pares na hierarquia da Igreja.

Com o passar do tempo, quando apareciam as primeiras cãs em suas têmporas, toda aquela Vida começou a parecer-lhe extrema e sufocantemente enfadonha, monótona, previsível e insossa. O “homem-velho”, começava a sacudir o azinhavre dos séculos e anelava romper os limites da sotaina, onde se mantinha ergastulado a fim de chafurdar-se nas emoções mais fortes, rasteiras, imediatas... A linha frágil que demarcava a fronteira das convenções estava prestes a ser rompida!...

Capítulo II

Dentre as freiras que mourejavam nas diversas tarefas da congregação vinculada àquela região, uma havia que nutria forte sentimento de afeto, podemos dizer, uma quase insopitável atração pelo belo padre, agora na faixa dos trinta e oito anos.

Filha de fidalgos abastados, fora prometida à Igreja desde cedo, com generoso dote, como prova de fidelidade da família que assim se protegia dos desmandos inquisitoriais. Por isso mesmo, seu ingresso na ordem não obedeceu a um impulso vocacional e sim, submissão aos alvitres da conveniência familiar.

Adotara o nome de Irmã Soledad, porque entendia que a solidão dos claustros seria sua sepultura como mulher que jamais poderia ouvir os risos e garrulices dos rebentos próprios.

Desde a primeira vez em que vira o jovem padre Rolin, sentiu em sua intimidade que a “mulher” não estava morta. Assistia às cerimônias religiosas que ele conduzia embevecendo-se com seu porte altaneiro, dominador, seguro... A entonação de sua voz penetrava-lhe os refolhos d'Alma desentranhando estranhas e inusitadas emoções, e, muitas vezes, assustava-se com os rumos que tomavam seus pensamentos...

Em face dos compromissos comuns na área religiosa, as oportunidades de se avistarem não eram

raras, e Irmã Soledad surpreendia-se com os próprios impulsos de se fazer notada. Não foi difícil para, cedo cedo, o padre perceber que as circunstâncias estavam favorecendo os desbordamentos morais que já vinha alimentando há tempos... A longa hibernação sexual que vivera até então estava prestes a explodir em catadupas de irrefreadas libações!...

“Vigiai e Orai” – conclamou Jesus⁵² a todos que quisessem seguir-Lhe as luminíferas diretrizes, principalmente a quem se dispunha a ser Seu discípulo.

Padre Rolin já não conseguia concatenar as frases das orações e sua mente fervilhava de pensamentos contraditórios, numa tempestade emocional que varria impiedosamente suas estruturas morais, derruindo-as fragorosamente...

Multiplicaram-se as circunstâncias fortuitas e, enfim, a dupla defecção total espalhou-se pelo terreno virgem daqueles destinos.

Tendo que fazer algumas modificações na disposição dos móveis de sua residência, Irmã Soledad prontificou-se a reorganizar a pequena biblioteca que sempre acompanhava padre Rolin em suas mudanças. Desequilibrando-se ao subir em uma cadeira, por pouco ela não se machuca, não fosse a agilidade de padre Rolin em ampará-la na queda. Os dois corpos se uniram em forte abraço circunstancial. Foi o que bastou para acenderem-se os rastilhos do desejo infrene.

Permaneceram abraçados por alguns instantes e, como estivessem sós, viram-se em pouco tempo entregando-se mutuamente em irrefreável frenesi cie paixão.

Após o primeiro ato sexual, quando os instintos puramente animais estavam saciados, padre Rolin foi alvejado por uma série de pensamentos de culpas e remorsos. O mesmo não acontecia com Irmã Soledad que, a partir de então, tomava as iniciativas de encontrar-se com o padre. Ele deixava-se levar pelos apetites carnis e, pouco a pouco, a consciência pesada foi se anestesiando, e não existiam mais rédeas que pudessem conter os dois amantes.

Por diversas ocasiões, as músicas sacras serviam de pano de fundo para a dupla defecção e os dois amantes davam largas aos instintos, entregando-se a toda sorte de exorbitâncias lascivas...

Capítulo III

Como sói acontecer, nas relações perfunctórias, divorciadas das sublimes expressões do vero amor, respaldadas tão somente nos apetites grosseiros da matéria, em alguns meses de intensas intimidades, padre Rolin começou a sentir o fastio da situação – sempre repetitiva – agora que acalmara a voluptuosidade do desejo longamente contido. O mesmo não se dava com Irmã Soledad que cada dia mais apaixonada ficava.

A sensibilidade feminina sempre colocou a mulher em regime de superioridade ao

⁵² • Mateus, 26:41.

homem nas relações homem-mulher.

O homem, por milênios entregue à poligamia e face aos longos séculos de subjugação da mulher, bastas vezes chafurdava-se em lodaçais de promiscuidade sexual. Era devido a esses milenares atavismos que padre Rolin estava sendo joguete das próprias emoções em desgoverno, destrambelhadas...

Mais cedo do que era de se esperar, aquela situação começou a asfixiá-lo. Anelava por mais fortes emoções e as que Irmã Soledad lhe oferecia não estavam conseguindo conter o corcel das volúpias que brotavam de seu psiquismo açodado pelos desejos insanos e escravizantes.

Despertado para as ignotas regiões das incontrolláveis paixões alucinantes, padre Rolin começou a ver com outros olhos as mulheres e moças que freqüentavam a Igreja onde ele prestava seus serviços religiosos.

Aquelas criaturas pagariam alto preço por serem ingênuas, ignorantes e crédulas. Naqueles recuados tempos, o conhecimento que daria maiores descortinos e vivacidade não era acessível às mulheres. Tal situação ser-lhes-ia fatal, porque, qual ovelhas indefesas, eram fácil presa para os “lobos” vorazes.

A credulidade irrefletida aliada à confiança incondicional e ao apoucamento da razão fomentavam as mais inusitadas situações.

Irmã Soledad, sempre atenta às flutuações emocionais de seu companheiro de equívocos, vinha notando um decréscimo acentuado no interesse dele por ela. Sempre vigilante, notou seus olhares melífluos e cobiçosos na direção das vulneráveis ovelhas de seu rebanho. Em vez de sentir-se rejeitada, enciumada, viu nessa situação a oportunidade de reconquistar novamente o foco de interesse do padre, recuperar o terreno perdido... Ela não mediria esforços para não perder o que passara a ser a razão de sua Vida: a atenção e carícias de padre Rolin.

Foi assim, que, sufocando brios e quaisquer laivos de ciúmes, deu a entender ao companheiro que poderia auxiliá-lo no “acesso” às criaturas, servindo de intermediária.

E nessa tarefa, mostrou-se de invejável eficiência. Não lhe era difícil aproximar-se e prometer “mundos e céus” para quem se dispusesse a “ver Jesus de perto”.

Começou, então a nova fase da descida de padre Rolin aos profundos vales do desequilíbrio e comprometimento com as Imutáveis Leis Divinas.

Gentilmente conduzidas pela solicitude subalterna de Irmã Soledad, caíam na armadilha da lascívia. Destarte, padre Rolin, por vezes sem conta, espraiou seus impulsos incontrolláveis sobre aquelas criaturas. Incontáveis foram as vítimas do “arranjo” dos cúmplices. Estavam plantadas as sementes das aflições e desaires futuros!...

Acontecia, vez por outra, uma gravidez indesejada e aí as conseqüências poderiam ser diversas. Houve caso de abortos provocados, que provocaram também a morte da mulher, outros casos em que a vítima foi internada em um convento, enlouquecendo com a situação,

e, até mesmo assassinio para “salvar as aparências”.

Inumerável desfile de vítimas passou a onerar a economia espiritual daqueles dois.

Certa ocasião, um jovem flagrou o padre com sua esposa, e, tal foi o choque pelo inesperado que, num repente de extremo desespero suicidou-se.

Mas, não obstante todas essas tempestades que se armavam para o futuro próximo ou longínquo, Irmã Soledad conseguiu o que mais anelava: o retomo do interesse do companheiro, que agora dividia com as outras mulheres.

Os misteres religiosos, ficaram à matroca. O brilho dos sermões já não existia mais e, como autômato, exercia suas funções religiosas.

A própria Vida, mercê da infinita misericórdia do Pai Celestial, enseja as circunstâncias que podem fomentar o reequilíbrio do Espírito equivocado. Inúmeros são os recursos que podem propiciar o retorno à normalidade, porque é da Vontade Divina que não morra o pecador, mas o pecado.

Dentre os recursos de que dispõem as Eternas, Imutáveis e Sábias Leis Divinas, a dor consagra-se eficiente pedagoga, rasgando as “carnes” da Alma quando falham as inigualáveis expressões do Amor lecionado e vivido pelo Galileu Singular.

Pela sua própria natureza, a reencarnação “segunda palavra do Alfabeto Divino” aproxima os inimigos do passado para os devidos acertos das arestas que ficaram, mas, aproxima, também, os mais aconchegados afetos do coração. E esses momentos, são, muitas vezes, onustos de superlativas, intensas quão contraditórias emoções.

Tal ocorrência, via de regra, faz com que o raciocínio das criaturas rodopie num sorvedouro, onde se perdem nas vascas de interrogações sem respostas. Somente depois de muitos padecimentos e experiências dolorosas e frustrantes é que os painéis se abrem à nossa compreensão. Só depois do “batismo” do sofrimento, viremos a compreender a justeza e infalibilidade dos Alvitres Divinos, que buscam sempre a correção da rota desviada dos caminhos assinalados ao progresso espiritual.

Um fato novo estava prestes a surgir na Vida de padre Rolin, e, tal evento, mudaria por completo seus painéis existenciais.

Capítulo IV

Impossível descrever os sentimentos que atravessaram os circuitos emocionais de padre Rolin quando – pela primeira vez – viu a doce e meiga figura de Emanuelle.

Jamais experimentara antes emoções daquele teor...

Naquele dia que seria impossível olvidar a Igreja encontrava-se plena de fiéis para o culto hebdomadário e a ele, pareceu, de repente, que só estavam ali os dois. Seus olhos nada mais viam além daquela figura singular. Se vivesse mil anos, não se esqueceria daquele primeiro momento. Ela mais parecia uma princesa saída das páginas de um livro de conto de fadas.

Seu porte altivo e digno emoldurava uma esfuziante simpatia mesclada com indescritível meiguice. Seus longos cabelos, entrelaçados em graciosa trança, derramavam-se-lhe pelas costas. Um brilho intenso irradiava-se de seus olhos espalhando ondas de ternura e paz. Seu olhar ao fixar as pessoas, parecia devassar-lhes as mais íntimas anfractuosidades da alma. Contava, então, a jovem, vinte primaveras. A partir daquele momento, padre Rolin nunca mais seria o mesmo. Emanuelle significava para ele a esquina de pedra que demarcaria os novos rumos de sua Vida. Não se passaria nem mais um dia de sua existência sem que a doce e meiga figura não lhe surgisse nos painéis mentais!...

Todas as vezes que a revia, a emoção da primeira visão se repetia: enovelava-se o infeliz padre em estranhas e intraduzíveis emoções. Um colapso periférico fazia-se acompanhar de forte taquicardia que lhe provocava visíveis alterações respiratórias. Álgido suor porejava por todo o corpo cujas extremidades ficavam frias pela momentânea ausência de conveniente circulação sanguínea.

Desde o princípio ele sabia que não poderia lidar com a situação nos padrões habituais. Ela era absolutamente singular, diferente... Para obter seu amor ele seria capaz de todos os sacrifícios, de todas e quaisquer renúncias!...

Infelizmente, tudo conspirava contra a realização de seus devaneios passionais: Primeiro vinha o seu compromisso com a Igreja que — dogmaticamente — exigia-lhe vida celibatária, conquanto tal situação constituísse uma provocação à ordem natural das coisas estabelecidas pelas Leis Divinas que abonam o “crescei-vos e multiplicai-vos” exarado mesmo nas santas escrituras. Depois, a grande diferença de idade entre eles, bem como a tão observada questão de estirpe naqueles tempos. Ele vinha de uma humilde família de camponeses enquanto que ela era de linhagem nobre, família abastada e politicamente influente. E o empecilho maior: ausência de ressonância afetiva por parte dela.

Suas idas à Igreja obedeciam a um critério rotineiro. Ao aproximar-se a hora de sua chegada, antes mesmo de vê-la, padre Rolin tomava a experimentar toda sorte de emoções desconhecidas. A simples expectativa desse momento já detonava as superlativas vagas de estranhos sentimentos que atravessavam céleres e desvairados o seu psiquismo. E ela vinha pontualmente sempre!... Quando se retirava, era como se o Sol declinasse por detrás das montanhas altaneiras deixando um caudal de frio e sombras... E o pobre coitado mergulhava em profundos desaires.

Mil vezes se perguntou por que permitia Deus a aproximação de duas criaturas que poderiam desenvolver um relacionamento pleno, interativo, sadio, feliz e, no entanto, mil circunstâncias conspiravam contra tal união, quais sejam: compromissos assumidos anteriormente, diferença de idade, desníveis sociais, defasagens variadas, não reciprocidade e tantas outras...

Porém, “Deus é justo e justa há de ser a causa” de tais aflições.

Segundo Joanna de Ângelis, “*quando encontramos uma alma querida, já enviscados em compromisso anterior, é porque chegou o grave momento da difícil prova da renúncia*”

Com a alma convulsionada em desassossegante turbilhão, padre Rolin movimentou circunstâncias que favoreceram uma aproximação, e, um dia, eis que estavam ambos “*tête-à-tête*”.

Seu olhar penetrante parecia devassar os mais recônditos refolhos psíquicos de padre Rolin. O que ele não daria para saber se ela estaria também experimentando os mesmos sentimentos. Como saber? Absolutamente nada indicava tal ocorrência. Seriam então unilaterais todos esses sucessos? Por quê? Para quê? As interrogações sucediam-se, impiedosas quão inexpugnáveis...

Era angustiante ver o corcel do tempo passar e nada acontecer para alterar a situação que a cada dia apresentava-se mais e mais insustentável. Torturava-se o padre com tais coisas dia e noite. Sentia que não tinha direito a esse amor, a tê-la como solícita companheira, alegrando-lhe a Vida.

Em seus pesadelos, via-se oficiando o casamento da amada com outro homem e acordava sobressaltado ante tal perspectiva.

Irmã Soledad observava a mudança radical do comportamento do amante, que também se desinteressara completamente das demais aventuras amorosas.

Poderia se dizer sem margem de erros que a Vida de padre Rolin estava dividida entre dois tempos: antes e depois de Emanuelle.

Em suas meditações, concluía sempre, quão diferente teria sido toda a sua Vida se a tivesse encontrado no verdor da mocidade, antes dos votos agora tripudiados, antes que as voragens da carne se assenhoreassem de suas emoções, levando-o aos desbordamentos morais de vária ordem. Pensava quão feliz seria, quão equilibrado poderia ter sido!...

Procurava, então, consolar-se com o fato de tê-la sempre por perto, ainda que sem a tão anelada aproximação. Seria fiel a ela, jamais permitiria que outra pessoa ocupasse, em seu coração, os espaços onde albergava os mais ardentes anelos d'alma.

Amá-la-ia em silêncio, viveria em celibato, agora sim, convicto de ter motivo para tal, porque sem ela em sua Vida, tudo deixava de ter sentido.

Rogaria ao Pai, em doridas preces, as bênçãos para um dia merecê-la. A Eternidade estava à frente, acenando com esperanças de um porvir risonho...

As dívidas escabrosas do passado, credoras impiedosas, estavam cobrando em renúncia o seu alto preço. Ele deveria purgar na solidão as chagas das pretéritas defecções!...

Capítulo V

Extinguiam-se sob a ação dos raios dourados do Sol, os últimos vestígios da desoladora estação invernal. Somente os cimos das montanhas altaneiras ainda cobertos pelo tapete branco das neves denunciavam os últimos estertores da quadra cinzenta.

A Natureza espocava em multicoloridas paisagens e o verde, antes sufocado pelo gelo, espalhava-se, qual alfombra, tapetando todos os recantos, vales e montes...

A Vida retomava aos árduos misteres campestres, e, os rebanhos de ovelhas invadiam as estradas em direção de mais fartas pastagens.

Apesar de toda mudança nos panoramas externos, a situação angustiosa da Vida de nossos personagens continuava a mesma. A intrincada malha do destino não tem pressa em resolver situações aflitivas, que, na verdade, são, a rigor, a medicação necessária ao saneamento do mal perpetrado em transatas experiências. Mesmo, porque, na Legislação Divina, o ressarcimento das dívidas guarda proporção de paridade com o delito; portanto, o resgate tem a mesma duração da vigência dos erros cujos corolários são o sofrimento sem nome.

Mas, a impaciência humana é a invigilante companheira dos precipitados!...

Inconformada em não receber mais as atenções de padre Rolin nos moldes habituais e verificando que a situação tornara-se irreversível, irmã Soledad recebeu com indiferença sua transferência para outra região, onde deveria carpir, até o fim de sua existência, a fastidiosa e monótona Vida monástica.

Os séculos vindouros abririam para os dois calcetas as pungentes e angustiantes fumas das aflições sem nome, nas quais purgariam as conseqüências de seus atos espúrios. Estava aí a origem de muitos matrimônios expiatórios, onde se faz mister altos conteúdos de abnegação e renúncia para rentear os vastos caleidoscópios de situações dolorosas...

O homem previdente constrói sua casa sobre a rocha; enquanto o descautelado a ergue sobre a areia. O azorrague da renovação castiga impiedosamente as construções sem base firme que ruem fragorosamente ao sabor da primeira procela. Tal a condição de uniões sem conta que se concretizam sem a argamassa da Lei do Amor.

Na verdade como criaturas que encarnamos em Mundos de Provas e Expições, outra coisa não podemos esperar, senão os graves e dolorosos resgates e provas que, se por um lado nos massacram sob o guante de inenarráveis testemunhos, por outro lado contribuem para aformosear o Espírito Imortal, adestrando-o para mais altos cometimentos nas sendas evolutivas.

Daí a necessidade de apegarmo-nos nas consoladoras palavras do Meigo Pegureiro, quando facultou-nos a liberdade de recorrermos a Ele quando estivéssemos aflitos e afadigados a fim de recebermos alívio.

Considerada por muitos como "ópio do povo", a religião, seja de qual denominação for, é

um valioso sustentáculo de qualquer criatura que vive sob a pedagogia da dor.

A retomada das diretrizes cristãs pela Doutrina Espírita — faculta — entre inúmeras outras coisas, o conhecimento superior, a compreensão e o aprimoramento espiritual. Quando o Espiritismo obtiver foros de cidadania, todos os quadros dolorosos do prosclênio terrestre serão singularmente alterados.

A gênese de todos os males que assolam a Humanidade, está na ignorância dos mecanismos da Vida que estua em todos os recantos do Universo.

Muito embora fosse “mestre” para os seus conterrâneos, padre Rolin não estava sabendo administrar as superlativas descargas emocionais em seus circuitos psíquicos.

Emanuelle transformara-se em onipresente monoideação que ocupava todos os seus espaços, sufocando-o pela total impossibilidade de agir no sentido de satisfazer as exigências do “homem-velho”.

Com a chegada da primavera, a família de Emanuelle preparava-se para passar longos meses nas aprazíveis regiões do sul da França, nas proximidades de Toulouse.

Fidalgos abastados, possuíam largos patrimônios naquela região, onde se dedicavam a várias atividades produtivas, com significativa pauta de importações e exportações.

Apesar da grande discriminação com relação às atividades extracasa das mulheres, contrariando todos os costumes da época, Emanuelle participava ativamente das questões que envolviam os negócios da família. Filha única que era, sabia que, mais cedo ou mais tarde, iria reter em suas mãos as rédeas do controle de tudo.

Ao contrário das moçoilas de seu tempo que eram submetidas a casamentos de interesses das famílias, ela, com sua personalidade marcante e singular, colocou-se infensa a essa tradição.

Seu raciocínio ágil, aliado a persistente tirocínio, dava-lhe tal descortino mental que não raras vezes causava admiração a todos que privassem de sua agradável companhia.

Querida por todos, desde os mais humildes servidores, trabalhava denodadamente em prol dos desafortunados, ainda que tal atitude colidisse frontalmente com o pragmatismo do pai, que, não obstante, fazia vista grossa e ouvidos moucos ao seu desprendimento, em virtude do grande amor e respeito que nutria pela filha.

Ela possuía uma relação muito estreita com sua genitora a quem amava com desmesurada ternura. Pareciam duas amigas, cúmplices, antes que mãe e filha.

A Vida transcorria sem maiores percalços naquela morigerada região.

O passeio predileto de Emanuelle constituía-se nas idas a um aprazível bosque, onde singela cascata vertia água cristalina de nascente próxima. Acomodava-se entre grandes e confortáveis almofadas que os criados prestimosos traziam, e ficava longas horas imersa nas leituras que tanto amava, conquistando, destarte, um invejável acervo cultural. Vez por outra, parava a leitura para meditar sobre o assunto e distraía-se com os pássaros que chilreavam nas árvores e com os pequenos animaizinhos que já se acostumavam com sua

presença a ponto de aproximarem-se sem receios para receber as pequenas guloseimas que a jovem trazia sempre. Era um quadro de absoluta harmonia que daria inspiração a qualquer pintor que por ali passasse...

Capítulo VI

Enquanto para Emanuelle a Vida prosseguia dentro dos padrões normais, o mesmo já não acontecia com padre Rolin em Paris. Completamente desmotivado pela ausência do ser tão querido ao seu coração, já não possuía ânimo para os misteres da religião e suas tarefas ficavam por fazer.

Tal situação foi prontamente notada por seus superiores hierárquicos que viam na tristeza estampada em seu rosto os inequívocos sintomas do fastio. Vez por outra chamado às faixas, respondia com monossílabos e com o olhar distante de quem perdera o encanto pela Vida.

O tempo foi passando, e, como os quadros não se modificavam, discutiram entre si e resolveram que padre Rolin deveria mudar-se dos sítios parisienses, marcados pelos bulícios próprios dos grandes aglomerados. Entenderam que o transferindo para região interiorana, mais tranquila, amena e ensolarada, por certo seu panorama psíquico poderia deixar-se mimetizar pelos encantos da Natureza agreste.

Quando lhe comunicaram a transferência para um burgo distante aproximadamente setecentos quilômetros de Paris, recebeu a notícia com uma impassividade dos desencantados.

Obediente às ordens, em breves dias tudo já estava pronto para a longa viagem. Durante dias o trotar monótono dos cavalos percutia pelas ásperas estradas, atravessando montes e vales. À medida que avançavam a Natureza apresentava-se cada vez mais luxuriante. Indiferente a tudo, padre Rolin rendia-se a profundos cismares.

Em poucas semanas encontrava-se ele em sua nova leira de trabalho. Era uma região aprazível, privilegiada pela Natureza exuberante, recortada de montes, vales e vegetação farta.

Quase como se fosse um autômato, cumpria as tarefas a seu cargo, e, nas horas solitárias, sua mente desenhava a imagem querida, momentos sempre acompanhados de silencioso pranto que fazia vencer pelo seu rosto as lágrimas a enorme custo represadas.

Os trabalhos entregues à sua responsabilidade não lhe davam prazer, e a cada dia o fosso da depressão abria-se qual goela hiante, profunda, ameaçadora, terrível, sufocante...

Certa tarde, quando nominalmente sua presença não era exigida em lugar algum, com o coração ralado de dor e saudade e pelos acenos da solidão que xinhavam de cada canto de seu quarto, resolveu sair pelos sítios campestres. Penetrando, dispendioso, em um denso bosque até chegar em uma clareira natural, onde suave cascata cantava a suave melodia da Natureza com seu imitativo carinhoso convidando paz, à harmonia interior...

Com as mãos em concha sorveu o líquido gelado, refrescando o rosto suado... Ao

levantar-se acreditou estar sendo vítima de uma ilusão. Seria uma miragem? X sua frente, do outro lado do pequeno riacho, recostada em mulluioorktis almofadas, emoldurada pela Xutuieza exuberante, estava a inconfundível figura de Enunuelle, doce e meiga como sempre!...

As reações habituais não se fizeram esperar. Tomado por ineontoiável taquicardia, colapso periférico e descontrole respiratório, esforçou-se — debalde — para assumir as rédeas da emoção. Naquelas condições não poderia aproximar-se dela. Ficou ali, parado, camuflado pelas folhagens, admirando-a, como se fosse uma deusa do Olimpo que tivesse baixado à Terra!... O altar era a própria Natureza. Viu-a cercada pela solicitude dos criados que vez por outra ajustavam as almofadas, dentando-a confortável.

Estava ainda mais linda do que da última vez que a vira. Seus traços fisionômicos mudavam mñetizados pelo conteúdo da leitura, uma perfeita interação entre o autor e o leitor.

EJe poderia permanecer ali indefinidamente, admirando-a e sentindo aquela indescritível sensação de quem finalmente havia encontrado a razão da própria existência. Tudo o mais perdera o significado e sentido. Só possuía olhos para Emanuelle.

Esquecido de tudo, ali permaneceu até que ela deixasse o local, quando os últimos raios solares douravam os cimos das montanhas espalhando-se em feixes luminoso-? pelos vales. Um vento suave balouçava, negligente, as folhas das árvores próxima* sussurrando os prenúncios da noite que se avizinhava.

Ao ver-se sozinho, dirigiu-se até onde ela estivera. Podia sentir ainda o seu perfume embalsamando o ar. Respirou em longos haustos o ar que ela havia respirado. A relva onde estivera ainda estava amassada. Deitou-se ali, envolvendo-se em indescritível onda de ternura. Jamais havia experimentado sensações tão sublimes, completamente diferentes daquelas da matéria grosseira que deixavam ressaibos amargos e frustrantes...

Naquela noite não conseguiu conciliar o sono. Era preciso descobrir onde morava a doce amada. Mal conseguia esperar pelo novo amanhecer que também o inundaria das alvinitentes lúculas da felicidade sem mescla. Não via a hora de começar a promover as diligências necessárias.

Nova Vida estava sendo insuflada em suas veias.

Sucediam-se, intermináveis as questões que eletrizavam seu cérebro. Será que ela ficaria feliz em vê-lo ali? Ficaria indiferente? A noite deslizava lenta, como uma pachorra de lesma, parecendo conspirar contra sua ânsia.

Finalmente amanheceu!

Mal despontara o Sol, após leve desjejum, quando se preparava para sair, alguém solicita sua presença em uma fazenda não muito distante dali. Que fazer?!...

Embora meio contrariado, seguiu o serviço encarregado de levá-lo até o local.

O trajeto era agradável, mostrando uniu Natureza pródiga em belezas. Os vales utupetudos por flores nutltkxiíorklus e cortados por riuchas caudalosas, de água cristalina e

piscosa, convidavam a reflexões superiores sobre o Criador de tudo aquilo!... Mas, padre Rolin enviscaro-se em soez monoideação e, em sua mente, só havia espaço para Emanuelle. Continuou seguindo o serviçal que caminhava à frente.

Em menos de uma hora chegaram a uma rica propriedade que, a julgar pela beleza e quantidade de empregados, deveria ser muito próspera... A casa-sede, erguida em um promontório natural, favorecia ampla visão de toda a região em derredor. Do alpendre podia-se divisar o leito sinuoso do rio que atravessava aqueles sítios tão aprazíveis, perdendo-se ao longe em graciosos meandros emoldurados por suaves brumas que emprestavam especial encanto à paisagem.

A porta principal rangeu nos gonzos envelhecidos pelo tempo e uma criada acompanhou o padre, indicando-lhe confortável poltrona instalada em uma saia ampla e aconchegante.

Em poucos instantes, um senhor de aparência afável e simpática vem ao seu encontro, com os lábios emoldurados por um sorriso cordial, apresentando-se como o proprietário do Jocal. No momento em que agradecia o solícito atendimento ao chamado, adentra-se Mitra figura, frágil e simpática: era a esposa do fazendeiro que logo é apresentada ao padre, Nilo fosse o cenho franzido por íntimas preocuparei, poder-te-ia dizer que aquela senhora era portadora de muita serenidade a emoldurar seu porte elegante.

Sem mais delongas, esclareceu ao padre sobre o motivo do chamado: sua mãe, já avançada em idade, impossibilitada de deslocar-se até a Igreja como era seu costume, manifestara desejo de receber a comunhão.

Dirigiram-se, então, todos para as dependências mais íntimas da casa onde a velha matrona se encontrava. Reclinada no leito, desabotoou um sorriso débil ao ver o padre, que lhe ministrou a comunhão, demorando-se em cordial diálogo.

Cumpridas as formalidades da visita, padre Boba, acompanhado pelo casal, dirigiu-se para o alpendre: onde se demoraram ligeiramente admirando a paisagem ao redor.

Fazendo menção de voltar à Vila, não pennãiram a saída do padre sem antes lhe oferecer uma xícara de chá, ali mesmo, no vasto alpendre, onde assentaram-se em confortáveis cadeiras.

Em meio à conversa, tiveram a atenção despertada por ligeiro tropel de cavalo que se aproximava do kxal Linda e exímia amazona dominava com elegância um enonne e fogoso cavalo árabe. Por pouco a xícara de chá de padre Rolin não lhe caiu das mãos. Tratava-se da inconfundível figura de Emanuelle... O traje de montaria, apertado, acentuava-lhe os torneios harmoniosos do corpo jovem. Padre Rolin comcyou a ser novamente vitimado por rodo o cardápio de que a proximidade de Emanuelle sempre lhe despertava. Mal conseguia dissimular a emoção...

Ao vê-lo, Emanuelle deixou assomar em seu rosto um sorriso simpático, envolvendo-o nas suaves ondas de fraternal sentimento. Misto de surpresa e perplexidade, cumprimentou o padre dizendo que não esperava encontrá-lo em sítios tão distantes de Paris.

A duras penas, recuperando o autocontrole, com voz trêmula e reticente, padre Rolin explicou-lhe que fora recentemente transferido para aquele Departamento.

Emanuelle explicou aos pais - só agora padre Rolin havia atinado que, até então, estivera, sem o saber, conversando com os pais de sua amada - que já o conhecia e apreciava muito suas prédicas.

Ela pediu licença aos pais para convidar padre Rolin para o almoço. Queria mostrar-lhe seu imenso acervo de livros.

O convite foi aceito incontinenti...

Emanuelle conduziu-o, então, até à ampla sala arejada e clara onde os livros estavam cuidadosamente expostos em grandes prateleiras.

Alguns daqueles livros já eram velhos conhecidos seus, ao passo que de outros nem ouvira falar... Ele poderia ficar ali para sempre, rodeado de livros que sempre ocuparam sua predileção e, perto de Emanuelle, que simbolizava para ele o ideal de felicidade perfeita...

Ela pediu-lhe licença para se trocar, vez que chegara de um de seus longos passeios e necessitava também de um banho. Padre Rolin ficou ali, com a mente turbilhonada, no silêncio da sala ampla...

Aos poucos foi se aquietando e assumindo o autocontrole. Não existia nenhum outro lugar em que ele desejaria estar senão naquele ali, próximo de Emanuelle...

Nesse ínterim entra a sra. Nesaint, mãe de Emanuelle, parecendo mais tranqüila passando a entabular ameno e simpático diálogo.

Naturalmente que ele estava atento para tudo que se referisse a Emanuelle. E, a senhora que era muito ligada à filha não poupava as mais eloqüentes expressões encomiásticas ao tecer comentários sobre ela. Destarte, padre Rolin inteirou-se de muitos detalhes interessantes da Vida de sua amada.

A essa altura o almoço já estava sendo servido. Assentaram-se todos em tomo da grande mesa central, quando Emanuelle retoma, vestindo-se com simplicidade e elegância. Sua pele assemelhava-se a uma fresca pétala de rosa beijada pelo sereno da madrugada.

O almoço transcorreu em clima ameno e padre Rolin retomou logo após para a Vila, não sem antes receber as afetuosas despedidas de todos e o convite para retomar breve.

No trajeto de volta, sua mente emboscara-se em indescritíveis emoções. Ele não sabia o que era pior: viver sem ter Emanuelle ou viver próximo dela sem, porém, poder aproximar-se como exigia seu desejo.

É muito difícil administrar a emoção, quando a paixão, qual corcel indócil, teima em estadear-se incontrolável, mormente quando as circunstâncias conspiram contra o desdobrar dos anelos d'alma mais caros... Justamente por conhecer a *superlativa fragilidade humana* é que Jesus mencionou a "Vigilância e a Oração" como fatores de equilíbrio para a sempre áspera travessia dos tamises palingenésicos.

Juntando-se a meditação a essas indicações messiânicas, aumentamos a oportunidade

de superação das limitações em que nos encontramos ergastulados.

Vitimadas por onipresente labilidade, seguem as criaturas pelas veredas evolutivas entre tropeços formidáveis e equívocos perfeitamente evitáveis que fatalmente deságuam seus corolários no áspero estuário do sofrimento sem nome!

A maioria das humanas aflições tem sua gênese em circunstâncias criadas por aqueles mesmos que penam sob o guante atroz da Lei da Causa e Efeito.

O homem, como que de intento, procura a própria desdita ao buscar, infrene, os ouropéis da fantasia, hipnotizado pelo “canto de sereia” dos atrativos rasteiros que ainda repercutem muito alto em seu psiquismo profundo, fazendo lembrar Ulisses da mitologia grega que um dia se amarrou ao mastro do navio para não soçobrar ante o insidioso e fatal cântico lendário.

Jesus nos convidou a amealhar os imarcescíveis tesouros dos Céus que os ladrões não roubam e tampouco são destruídos pela ferrugem e pelos vermes, tesouros que jamais serão seqüestrados de nossa economia espiritual, o que não acontece com os tesouros materiais.

Capítulo VII

Tornaram-se habituais as visitas de padre Rolin aos bonançosos sítios dos Nesaint.

Não raro, era conduzido, nessas ocasiões, à imensa biblioteca pela sempre solícita e educada Emanuelle a quem amava com crescente e obsessiva paixão...

Estabeleciam-se, então, interessantes diálogos a respeito dos assuntos que a meiga e inteligente moça lia no grande acervo à sua volta. Existiam ali muitas obras da milenar sabedoria oriental onde assuntos completamente estranhos aos dogmas católicos eram largamente abordados. Dentre esses temas, o que mais atraía a atenção da moça eram os referentes à transmigração das almas, que mais tarde Allan Kardec exporia com clareza em plena interação com o Evangelho de Jesus com o nome de Reencarnação, também conhecida pelos filósofos Schopenhauerianos como Palingenesia.

A lógica daqueles raciocínios, derrubava - inapelavelmente - a frágil argumentação que nutria a crença nas “*Penas Eternas*”.

Só mais tarde, com o advento do Espiritismo, as coisas ficariam insofismavelmente claras e as incoerências dos postulados dogmáticos iam ficar totalmente desmascaradas.

Nada melhor do que a Verdade, pois além de lógica, tal como os fatos, não admite sofismas.

Padre Rolin ficava muitas vezes “emparedado” pela virilidade dos raciocínios de Emanuelle, e vezes sem conta ela ia simplesmente pulverizando os dogmas um a um, infiltrando seu tirocínio explosivo nas velhas estruturas medievais do pensamento ancilosado.

Certa vez ela o deixou sem argumentos quando lhe falou:

“O Senhor vai me desculpar a sinceridade, mas a questão do batismo católico não resiste à lógica. Ele só existe graças à uma interpretação equivocada dos textos sagrados. Qual seria a explicação dogmática para o batismo de Jesus, por exemplo? Se o batismo existe para “limpar” a mancha do pecado original, porque Jesus teve que ser batizado se Ele não trazia tal mancha, vez que, segundo o dogma Ele não teve pai biológico? E se Deus que é Onisciente e Bom, já sabendo, portanto, de antemão, que um Espírito por Ele criado vai queimar para sempre no Inferno, por que Ele o cria? Melhor seria criar seres só destinados ao Céu não? E se Deus assim procede Ele não pode ser infinitamente bom, pois qual pai humano, por mais imperfeito que seja, é capaz de colocar um filho numa situação de dor?

João, o Evangelista, afirma com muita convicção que Deus é amor. Ora, uma igreja ou uma religião que O queira representar na Terra não pode abrir mão dessa característica de amor e, por outro lado, não pode ficar aterrorizando as criaturas crédulas e ignorantes com as ameaças de um Inferno de penas eternas, porque a Parábola do Filho Pródigo nos mostra que existe sempre uma porta aberta ao pecador arrependido.

Tampouco o Céu para os justos pode ser uma monótona existência contemplativa, porque Jesus afirmou que Ele e o Pai trabalham até hoje.

Sabe a que conclusão cheguei, padre Rolin? Não posso crer no futuro de uma religião que submete seus profíntes ao talante de dogmas estreitos e inverossímeis que não resistem ao mais leve raciocínio e à lógica, escravizando suas mentes.

A interpretação dos textos bíblicos não pode estar atrelada a dogmas cerceantes e ancilosados. Há que se permitir a liberdade para a expansão do raciocínio a todas as áreas do relacionamento humano. As sagradas escrituras não podem ser lidas e interpretadas tão somente sob o aspecto religioso com prejuízo ou negligência dos aspectos científicos e filosóficos, onde este indaga e aquele responde.

Quando Jesus nos conclamou a “sermosperfeitos como perfeito é o Pai Celestial”, Ele estava realçando a característica de progresso que deve sempre assinalar o périplo das criaturas através do processo reencarnatório, oferecendo-nos um “modelo” de perfeição ao qual nos devemos amoldar.

É preciso lembrar que o fim do mundo antigo e o início do Cristianismo foram marcados pelo advento do neoplatonismo que teve em Plotino, filósofo egípcio, um de seus mais célebres representantes, ao lado de Jâmbico e Proclus.

Comentando e interpretando os filósofos antigos, aí incluídos Sócrates, Aristóteles e os Estóicos, os neoplatônicos chegaram a uma nova síntese do pensamento grego onde a questão da salvação ou redenção é analisada e entendida sob o pálio da argumentação lógica e não apenas teórica e fictícia.

Tais conclusões nos levam a um novo e alteado patamar onde a simplista noção de Céu e Inferno não passa de quimera, criada mais para aterrorizar o povo ignorante e assegurar o domínio da casta sacerdotal.

A religião verdadeira, aquela que realmente vai sobreviver, é a que não agride a ciência nem a razão, a que não admite privilégios e possui flexibilidade para inovar sem perder a sua estabilidade doutrinária, ou seja, a que acompanha o progresso que leva à perfeição assinalada por Jesus, desatrelada de dogmas inverossímeis quão absurdos.

Plotino teve um discípulo chamado Porfírio e seu círculo era restrito a alguns alunos e amigos. A principal atividade desse círculo era a discussão filosófica, partindo de premissas livres de preconceitos. Eu me sentiria à vontade nesse círculo, e à vontade deveria se sentir a religião onde exista espaço para a discussão filosófica, onde seus pontos básicos possam ser testados de todos os lados, permanecendo sempre a verdade que resiste a tudo em qualquer época.

A Igreja deveria seguir a linha filosófica de Plotino caso desejasse mesmo libertar e não escravizar as criaturas. O ensinamento desse filósofo não visava a conquistar multidões, como o dos sofistas-retóricos, mas levar as criaturas a reconhecer, pela meditação e raciocínio, o seu "eu" mais profundo, isto é, a sua dimensão divina.

Se nós não tivéssemos uma dimensão divina, Jesus não nos teria concitado à "perfeição" do Pai.

Eu acredito numa hierarquia de realidades que vai do nível supremo, representado por Deus, até o nível extremo inferior constituído pela matéria.

Plotino transportou a célebre hierarquia platônica das realidades para o "eu", transformando-a em níveis da Vida interior, o que nos leva a concluir que a perfeição assinalada por Jesus não deve ser procurada fora, em outro mundo, mas dentro de nós, em um "eu" mais profundo, porque Ele disse que o Reino de Deus está dentro de nós.

Às vezes logro alcançar esse "nirvana" interior e sinto em mim a dimensão cósmico-divina.

Infelizmente, distraídos pela horizontalidade da matéria, freqüentemente nós nos esquecemos dessa dimensão divina que jaz nas mais íntimas anfractuosidades do ser.

Plotino procurou responder às grandes questões da sua época: O que éramos? O que nos tomamos? Onde estávamos? Onde fomos lançados? Para onde vamos? O que estamos fazendo aqui? De onde nos vem | libertação?

Em seus últimos momentos ele conclamou:

"Tentai conduzir o deus em vós até o Divino no Universo".

Entendo suas derradeiras palavras como estímulo que nos induz a caminhar, impertérritos, na via do progresso constante, e não posso concordar com a inexorabilidade sádica e perversa de um Inferno de penas eternas ou um Céu de contemplação mística como nossas duas únicas alternativas para o futuro.

Emanuelle não tinha pejo em abordar tais assuntos com padre Rolin, que, via de regra, ficava extremamente perturbado com a lucidez e lógica do raciocínio da moça, não tendo meios de contrapor ou sustentar as anêmicas teorias dogmáticas frente a tão cerrados e

contundentes argumentos que faziam realçar em toda a magnitude a excelsa Justiça Divina.

Assídua leitora da Bíblia, Emanuelle expunha para o padre o “espírito” que vivificava a “letra” que mata. Destarte, muitas coisas ali expressas em sentido figurado, eram tomadas pela Igreja pelo sentido linear, portanto, equivocado. Emanuelle, distante das cerceadoras paredes dogmáticas, podia dar largas às meditações sem fronteiras, daí descortinar horizontes mais amplos...

Ficavam os dois conversando horas sobre questões que a maioria não percebera ainda.

As assíduas leituras da Bíblia e de vasta gama de livros, deram a Emanuele um singular tirocínio que lhe permitia conclusões inacessíveis e incompreensíveis até mesmo para muitos estudiosos de seu tempo.

Encantava-a, particularmente, o “Sermão da Montanha”, que passou a compreender melhor, a partir das leituras que lhe descortinaram os painéis da reencarnação.

O diálogo de Jesus com Nicodemos não dá margem a dúvidas. Por mais que se queira distorcer os fatos e ocultar a Verdade, a reencarnação salta, luminescente e altaneira e insofismável daquele diálogo.

Quando desciam o Monte Tabor, após o grandioso espetáculo da aparição de Moisés e Elias a Jesus, os discípulos não tiveram dúvida de que João Batista era Elias reencarnado, confirmando, assim, as profecias exaradas nas santas escrituras.

Emanuelle abordava todas essas questões com padre Rolin, que, embora sentindo a lógica de tudo, não podia libertar-se para alçar mais altos vôos em suas prédicas, uma vez que não seria entendido pelos fiéis e imediatamente cairia em desgraça com os tribunais da Inquisição. A própria Vida de Emanuele correria sérios riscos se tais assuntos ultrapassassem as paredes daquela sala...

Incontáveis foram as vítimas do fanatismo e da ignorância na negra noite chamada Idade Média!...

Padre Rolin passou a sentir-se sufocado pelos estreitos limites que impediam os pensamentos mais alteados. Vezes sem conto, a grande e exuberante nave, mais lhe parecia um túmulo que o estivesse sepultando vivo. Intimamente revoltava-se contra o sistema coercitivo ao qual devia moldar sua Vida. Era renúncia demais a troco de nada!... Que fazer?

Emanuelle estava desenhando para ele um novo perfil de Jesus.

A Igreja impunha o dogma da Santíssima Trindade como recurso de fortalecimento da Instituição. Mas, era um dogma que não resistia à lógica do raciocínio. Jesus mesmo, em muitas ocasiões colocou-se como o Enviado de Deus e não o próprio Deus. Agora ele conseguia ver não mais a figura paralítica e sanguinolenta da cruz, mas o Companheiro, o Irmão Maior, o Meigo Amigo Incondicional, o Protetor...

Era um Jesus dinâmico que trabalha incansavelmente até hoje como o Pai Celestial.

Passava-se o tempo e padre Rolin conscientizava-se a cada dia da vacuidade de tudo, sentindo que a Vida escoava sem proveito e sem sentido.

Agora conseguia perceber tudo isso. Não que tal justificasse a busca de sucedâneos que o levaram ao infeliz terreno das defecções.

Percebia, agora, que a busca de emoções na área do sexo destrambelhado era não só simples exacerbação dos atávicos sentidos ainda animalizados, mas, também, uma espécie de grito de revolta contra o sistema que lhe cerceava a natureza.

Ao deparar frente a frente com Emanuelle, compreendeu que sua Vida não poderia espalhar-se nas movediças areias do celibato, mas que deveria ser plena, ajustada às sãs e belas expressões da Vida em comum com a eleita de seu coração.

Porém, contra os mais caros anelos d'alma, conspirava toda a pesada estrutura que balizava sua Vida.

Por outro lado, Emanuelle não estimulava nem deixava transparecer absolutamente nada que pudesse incentivar a mudança total de sua Vida. Na verdade, não poderia fruir a felicidade que sonhava com um saldo de débitos tão escabrosos com as Leis Divinas. Mister, primeiro, queimar em sofridas reencarnações o carma engendrado pelos equívocos clamorosos do passado recente e remoto...

A cada visita do padre àquelas paragens campesinas, mais questões — antes desconhecidas para ele — eram colocadas por Emanuelle, que, por sua vez lia sempre com assiduidade e interesse as obras que lhe chegavam ao alcance. Em virtude das atividades comerciais da família, não era difícil ter acesso às obras literárias que estivessem no ápice do interesse do momento, de vez que, mantendo intenso comércio exterior, ficava fácil adquiri-las.

Emanuelle aguardava sempre com ansiedade o retorno das caravanas que, singrando os mares ou atravessando os desertos, voltavam com as especiarias e... com os livros!

Aquela era uma época de esplendor em todas as áreas do saber: Literatura, Filosofia, Artes, Música. Eram profundas as transformações econômicas e sociais que se operavam.

O século anterior, marcado pelas investidas das Cruzadas, estimulou grandemente o comércio, com o afluxo de ouro. Desenvolveram-se de forma superlativa as indústrias que fabricavam produtos de troca com o Oriente (tecidos de Flandres).

A filosofia era uma predileção especial da jovem. Por aquela ocasião, as escolas monásticas permitiram a difusão da filosofia, onde o Platonismo oferecia o denominador comum a quase todos os temas, principalmente na famosa escola de Chartres.

Foi por esses tempos que surgiu a “Escolástica”, que permitia o concebimento da reflexão filosófica, onde, inclusive, a fé cristã foi objeto das primeiras análises racionais, o que quase sempre resultava em processos inquisitoriais onde os pensadores precisavam retratar-se.

A reflexão filosófica andando de mãos dadas com a Verdade está constantemente pondo à prova os conceitos estabelecidos, contribuindo para a derrubada de tudo que não possui base de sustentação sólida.

A definição da realidade das idéias dividiu os escolásticos em dois seguimentos: os

racionalistas e os empiristas.

Emanuelle identificou-se extremamente com um dos expoentes dessa Escola chamado Roscelin que teve a audácia de colocar em dúvida o dogma da Santíssima Trindade, tendo, porém, sido obrigado a retratar-se em seguida...

O desenvolvimento demográfico ensejou a ascensão da burguesia (comerciantes, artesãos) oposta ao feudalismo, resultando - não raro - em revoltas, por vezes violentas, o que afligia de forma angustiante a jovem que fazia parte dessa burguesia ascendente.

Por essa época, caíam-lhe nas mãos algumas anotações de integrantes do segmento escolástico-racionalista que aguçavam fortemente o interesse da jovem Emanuelle.

Sem pertencer propriamente às fileiras da Escolástica, Emanuelle admirava os vãos das inteligências que não se conformavam com os estreitos e sufocantes limites dogmáticos e, conseguindo vencer os bloqueios, espalhavam à sorrelfa os pródromos das idéias racionalistas libertárias.

Ela divertia-se com a preocupação (justa, diga-se de passagem) do padre, em manter sigilosos aqueles raciocínios tão conflitantes com os dogmas irreduzíveis. Se os espiões da Inquisição dessem pela coisa, Emanuelle estaria em sérios apuros.

Padre Rolin experimentava toda sorte de emoções e sentimentos com a singular personalidade de Emanuelle. Assustava-se, algumas vezes, admirava-se outras. O certo é que ele se encontrava totalmente rendido à inteligência da jovem pensadora.

Capítulo VIII

Alguns temas passaram a merecer o foco do interesse da jovem que, intuitivamente já possuía uma posição bem definida, embora nada tivesse ainda lido sobre eles.

Chegaram-lhe às mãos algumas obras que os escolásticos-racionalistas conseguiram espalhar à socapa, cujos conteúdos calaram de forma bastante simpática ao seu entendimento.

As grandes verdades como que pairam no ar. Sente-se a sua eclosão no momento azado...

Emanuelle só dispunha mesmo do assustado padre para abordar tais temas considerados sacrílegos. Assim, ele tomou-se seu convidado especial nas idas ao tranqüilo bosque, onde os serviços permaneciam a prudente e discreta distância.

Ela sentia-se, então à vontade para comentar sobre as questões pelas quais nutria acentuado interesse. Não falecia dúvida de que a religião oficial se organizava em um verdadeiro e sufocante complô para manter o povo na ignorância a fim de tê-lo submetido sob a tutela.

Pelo que podia depreender dos raciocínios escolásticos, observou que os ensinamentos de Jesus estavam sendo propositalmente distorcidos para que a Verdade não libertasse aquelas

mentes ingênuas.

Uma série de ilações filosóficas muito bem alinhavadas, jogava por terra o vetusto edifício dogmático.

Quando fossem vulgarizados aqueles conteúdos, a Humanidade estaria à beira da autolibertação.

A começar pelo conceito de Deus, que Moisés desenhara terrível e vingativo e que devia ser temido antes de tudo; agora, pelas informações de Jesus havia se transformado no Pai Misericordioso e Bom, Justo e Imparcial, que oferece – quantas vezes forem necessárias – as oportunidades de retorno ao Divino Aprisco, devendo ser, portanto amado e jamais temido.

Mais tarde, em formosa síntese, os Espíritos Amigos revelariam a Kardec⁵³:

“Deus é a Inteligência Suprema, Causa Primária de todas as coisas”.

Profunda conhecedora dos textos bíblicos, Emanuelle conseguia agora, de posse das novas informações, relê-los de forma mais racional, e, conseqüentemente, mais aceitáveis, tendo meios de separar o “joio do trigo”, extraindo o “espírito” que vivifica e abandonando a “letra” que mata.

Padre Rolin, embora comprometido com os rígidos trilhos dogmáticos, conseguia perceber a extensão dos novos panoramas que Emanuelle lhe descortinava.

Deus não seria mais uma abstração que deveria ser temida, mas um Pai Amoroso que deveria ser “amado acima de todas as coisas”.

A Imortalidade da Alma passava a ser algo mais palpável. Não apenas uma teoria. Afinal, nos próprios textos bíblicos ela estadeava-se em várias ocasiões: A pitonisa de Endor propiciando o diálogo entre Samuel e Saul (um vivo e outro “morto”); Jesus conversa no Monte Tabor com Elias e Moisés; as aparições de “Anjos”, todos esses fatos explicitamente narrados na Bíblia, falam da Imortalidade da Alma.

Tal seria também um dos pontos principais arrolados por Allan Kardec, mais tarde como princípio básico da revolucionária e libertadora Doutrina dos Espíritos.

Seriam, então, os próprios habitantes do Mundo Espiritual a trazer, pelos canais da mediunidade, os panoramas que estuam além-tumba. Já a Comunicabilidade dos Espíritos, tão ostensiva na cultura oriental, mereceria, também, o acurado estudo e interesse do homem ocidental, que aí encontraria novos recursos de ascensão na áspera e íngreme montanha da evolução...

Tais descortinos, porém, não poderiam vicejar numa época em que toda floração nova era violentamente erradicada pelos atentos tribunais da Inquisição.

O século XIII testemunharia o fim do sistema feudal, que já exaurira a terra. Mas, embora agonizante, ainda era suficientemente forte para promover cruentas lutas contra a ascendente burguesia.

⁵³ I Kardec, A. “O Livro dos Espíritos”. Questão 1.

Nuvens tenebrosas pairavam no ar... O clima de paz e progresso dos bonançosos sítios dos Nesaint experimentariam, agora, os terríveis sucessos que espalhavam o terror e a desdita naqueles tempos...

Sem prévio aviso, uma horda de mercenários a soldo da inveja e cobiça dos fracassados senhores feudais invade a propriedade dos Nesaint, queimando as searas, destruindo, assassinando, deixando um caudal de tristezas e irreparáveis desgraças...

O elemento surpresa não facilitou a fuga e o massacre foi generalizado, salvando-se apenas poucos servidores que fugiram apavorados para a vila próxima onde relataram a tragédia.

A notícia explodiu na pequena vila como uma bomba. Padre Rolin, acompanhado de alguns homens seguiram em desabalada correria, coração aflito, pressentindo o pior...

O fumo negro que avistavam de longe confirmava o prognóstico sombrio.

Com a alma alanceada por inenarrável dor, testemunha a cruenta cena de terror. Finalmente, encontra a doce amada. Chora convulsivamente sobre seu corpo sem Vida o pranto de dor e revolta. Até o final de sua existência jamais voltaria a sorrir!...

Os meses se sucedem e Padre Rolin vai a olhos vistos definhando. Em sua mente, vez por outra, visualiza as cenas queridas dos longos diálogos com a amada. Embora completamente divorciada dos parâmetros conhecidos, ela falava com muita convicção da Imortalidade da Alma. Teria ela razão? Uma leve e bruxuleante luz de esperança lhe rociava suavemente a alma, mas a dor, madrasta e superlativa, apagava as débeis lúculas da fé.

Passa longas horas ao lado do túmulo da amada, vertendo doridos prantos. Depauperando-se dia a dia sob os camartelos do sofrimento sem nome, em poucos meses a resistência física cede, finalmente para a inexorabilidade da morte. Em seus últimos momentos na carne, como num caleidoscópio, toda a sua Vida passa-lhe pela tela mental. Sente-se flutuar no vácuo dentro de um vórtice de ignotas forças às quais se entrega sem resistência, inerme...

Capítulo IX

Após um tempo que não saberia determinar, acorda em aprazível sítio, cercado de belezas naturais. É solicitamente atendido por criaturas bondosas e amáveis. Sua mente está confusa. Não entende onde está...

Após algumas semanas, finalmente as coisas vão se aclarando pouco a pouco. Recebe uma série de informações que, na verdade, não o surpreendem, em virtude de ter prévio conhecimento de todas aquelas questões através dos reveladores diálogos com Emanuelle.

Sabia, agora, que já não se encontrava mais na Terra preso à grilhetasomática. Lúcido, já refeito das perturbações iniciais, começa a situar-se... A morte não promove mudanças drásticas. Apenas nos liberta do corpo físico. Continuamos a mesma pessoa. Assim, o padre,

em transporte de aflição solicita uma entrevista com o diretor da Instituição que o acolheu no Mundo Maior. Um pensamento apenas: Emanuelle. Onde está? Como encontrá-la?

O diretor, embora boníssimo, não esclarece a situação. Ainda era muito cedo para obter todas as respostas. A luz muito intensa ofusca e não ilumina adequadamente. Consegue, porém, saber que deveria matricular-se em uma classe de aprendizados úteis à sua nova situação. É instruído quanto à necessidade de permanecer dócil aos ensinamentos dos instrutores e aguardar—pacientemente — o ensejo propício à realização de seu sonho maior: o reencontro com a amada nos domínios da Imortalidade!...

Aos poucos vão aparecendo as razões pelas quais ele se encontrava apartado de seus mais caros anelos d'alma: Sua morte fora induzida pela rebeldia e falta de confiança no Pai Celestial. Era quase um suicídio!...

Se tivesse suportado o impacto do sofrimento com serenidade e confiança e continuado a caminhada até sorver a última gota da taça vinagrosa das expiações, por certo poderia ter sido recebido na outra margem do “Estíge” pela própria Emanuelle.

Após meses de assídua freqüência às classes de instrução, finalmente conclui o ciclo de aprendizado, adequando-se para mais alevantados cometimentos.

Comunicam-lhe, então, que deverá transferir-se para níveis mais elevados da Espiritualidade, onde continuaria seus estudos e sua trajetória ascendente rumo | destinação assinada pelo Pai a todas as suas criaturas, sem exceção: a perfeição relativa e a felicidade sem mescla.

Sente-se adormecer e, ao acordar, encontra-se em aprazível e confortável residência.

Levanta-se ao mesmo tempo em que uma jovem lhe sorri com simpatia. Cumprimenta-o e gentilmente lhe esclarece que se encontra em uma Colônia Espiritual onde permaneceria por tempo indeterminado em nova fase de aprendizado.

A jovem mostra-lhe as dependências, explica-lhe a nova dinâmica de Vida, e, precisando retirar-se momentaneamente para atender a outros novos residentes, convida-o a conhecer os jardins circunvizinhos, com suas aléias multicoloridas pelas flores.

Uma força invisível parece guiar-lhe os passos para determinada direção... Deixa-se conduzir, admirando as belezas indescritíveis daqueles recantos. Suave cascata completa o encanto dos jardins com seu marulhar constante.

Recorda-se, então, daqueles sítios aprazíveis onde vivera as suas mais felizes experiências.

Depara, de repente, com o mais maravilhoso panorama que jamais poderia imaginar: nimbada de luz, emoldurada por belezas naturais, vê, à sua frente a doce, inconfundível e meiga Emanuelle. Pensa estar sonhando, mas a realidade descortina-se insofismável ante sua perplexidade. Ela estende-lhe os braços sem pronunciar palavra alguma. Ele aproxima-se vacilante, tenta balbuciar algumas palavras, porém, as emoções habituais constringem-lhe a garganta e não consegue emitir som algum. Fica estático, sem ação...

Ela toma, então, a iniciativa: aproxima-se lentamente e o abraça carinhosamente. A

emoção é superlativa. Sente-se desfalecer. Ao abrir novamente os olhos vê o rosto amado desabotoando leve sorriso.

Ela lhe fala suave:

—Acorda, alma querida! Os caminhos da Eternidade abrem-se ilimitados à nossa frente. É necessário caminhar...

Passadas as primeiras horas, já refeito das emoções iniciais, são levados pelos Benfeitores Espirituais até uma ampla sala provida de uma tela tridimensional de cinemascópio onde os pretéritos painéis existenciais passam em desfile, e ambos vão pouco a pouco compreendendo o porquê de tudo e quão harmoniosa e indefectível é a Justiça Divina que nunca pune o infrator, mas age sempre no sentido de erradicar o erro, o equívoco, promovendo a criatura aos alevantados patamares da evolução espiritual.

Compreendem com essas revelações que laços profundos os uniram em várias experiências palingenésicas, daí a identificação interativa e a razão do desencadear de tantas impressões fortes no psiquismo de cada um.

Mas, as revelações não ficam apenas por conta do que passou. Dão-se conta dos débitos escabrosos que ainda oneram a economia espiritual de ambos e vislumbram numa projeção futurística o calvário de angústias que deverão subir até o cimo da definitiva alforria espiritual coroada pela redenção imarcescível.

Após algumas sessões naquela sala, tomam conhecimento de todo o passado: os erros e acertos. Compreendem que o futuro acena com perspectivas dolorosas que poderão levá-los porém, com paciência, resignação, renúncia e abnegação aos arremansados espirituais superiores onde a dor não tem mais acesso e a felicidade sem mescla é uma constante. Conseguem vislumbrar para lá da bruma angustiosa os luminescentes painéis do Infinito que os aguardam depois de redimidos, com os débitos devidamente ressarcidos.

Toda transgressão, por menor que seja, resulta sempre numa promissória assinada por nós mesmos, que, mais cedo ou mais tarde nos será apresentada para o respectivo resgate. A Lei de Causa e Efeito, desdobra-se indefectivelmente pelos tamises palingenésicos. Criatura alguma poderá eximir-se da colheita obrigatória gerada pela sementeira livre.

Os dois observam o somatório dos equívocos clamando por ajuste. A misericórdia Divina, porém, faculta-lhes mais um lapso de tempo de aprendizado e amadurecimento para os novos tentames, onde os planos para as futuras reencamações são programados.

Não seria fácil. Em muitas oportunidades teriam que se separar, mas guardariam nas camadas profundas do subconsciente as lembranças cariciosas que aflorariam pelas vias da intuição. Vezes sem conta se buscariam na multidão. Porém, até que fossem vertidos os últimos vestígios das defecções do fundo da taça vinagrosa dos resgates, deveriam viver aflitivas situações que, enfim, os levariam ao ressarcimento de cada ceutil que deviam

1 Lei- Compreendemos, assim, o sentido das palavras de Jesus⁵⁴ quando falava da reconciliação com o adversário e da prisão onde se permanece até que o último ceitil seja resgatado.

As criaturas vitimadas em suas teias afetivas, voltariam, em novas encarnações na condição de filhos, filhas, irmãos e irmãs. Irmã Soledad seria, em nova oportunidade, a esposa exigente e difícil de ser amada, através da qual, voltariam para as experiências na carne algumas vítimas de ambos às quais deviam assistência e arrimo. Carpiriam, assim, em calvários de renúncia e abnegação as dores da expiação que promoveriam o retomo ao equilíbrio e à paz.

Mas, valeria a pena, porque conseguiam vislumbrar para além das lutas o arremansado de paz onde, inebriados de felicidade desfrutariam o amor sem adeus e sem culpas.

Solicitaria ao Mais Alto a força necessária, a docilidade, a aceitação, a resignação... Não permitiria que a revolta insensata deixasse cair o fardo da provação.

É bem verdade que os Espíritos, uma vez ergastulados nos corpos somáticos, trazem amodorradas as potencialidades e lembranças sujeitando-se a toda sorte de desvios. Não menos verdade é, que, todos que permanecem submissos aos Superiores Desígnios, encontrariam nos Protetores Espirituais, diletos amigos a socorrer a onipresente labilidade humana.

Final

Emanuelle confessa ao ex-padre que não lhe passavam despercebidas as vibrações dos sentimentos que ele nutria por ela.

Em sua sensibilidade feminina, sentia em seu olhar o amor que transcendia as barreiras das convenções... Ela, por sua vez, também era invadida por estranhas emoções e a custo conseguia manter irreprochável a sua linha de conduta.

Mercê dos estudos e compreensão mais lúcida das Leis Divinas, resguardava-se no recato para que os sorrisos iniciais não culminassem em terríveis tragédias.

O coração feminino consegue lutar de forma mais estóica que o masculino, deixando-se com mais facilidade permear pela razão.

Agora, livres das peias convencionais, podiam trocar as impressões. Ambos tinham absoluta certeza dos recíprocos sentimentos albergados nas mais íntimas anfractuosidades d'alma. Teciam carinhosos planos para o futuro. A felicidade sem mescla ainda estava distante. Mas, a distância poderia ser encurtada pela docilidade e obediência aos sábios desígnios divinos. Saberiam esperar!...

A razão de inúmeras uniões infelizes na Terra está justamente na ausência da obediência e resignação que esmorecem a confiança em Deus, quando, então, fica difícil rentear os compromissos gerados pelas pretéritas defecções.

Não é sem motivo que Jesus declarou⁵⁵:

“A minha comida é fazer a vontade Daquele que me enviou, e realizar a Sua obra.”

Não existe declaração mais insofismável de irrestrita confiança.

Allan Kardec ensina:

“Deus é Justo. Justa, portanto, há de ser a causa de todo e qualquer sofrimento.”

Ele não pune jamais... Como disse Jesus, Ele não deseja a morte do pecador, mas sim a do pecado.

A Doutrina Espírita, revivendo os ensinamentos do Meigo Zagal Celeste, ensina a aquisição de largos subsídios que cairão como chuva generosa no terreno sáfaro dos corações, realizando superlativas consolações e facultando a fé raciocinada, *“que encara de frente a razão em todas as épocas da Humanidade”*.

À imensa labilidade humana podemos contrapor a meditação e a oração a fim de que as alegrias de hoje façam-se também alegrias amanhã, conforme muito bem elucida André Luiz em sua portentosa obra.

Vigiem para que os sorrisos iniciais não sejam tragédias culminativas.

O Evangelho de Jesus deverá ser sempre o *“Vade-Mecum”* onipresente em nossas Vidas para que o Amor por Ele lecionado e exemplificado cubra a multidão de pecados...